



XI
**Encontro
Mestres
do Mundo**

Saberes Multiculturais em Encontro de Delicadezas

REALIZAÇÃO



RECONHECIMENTO



PRODUÇÃO



APOIO

FÓRUM DE
CULTURA
POPULAR
TRADICIONAL



COMISSÃO CEARENSE
DE FOLCLORE



UECE/FAFIDAM



XI ENCONTRO MESTRES DO MUNDO

SABERES MULTICULTURAIS EM ENCONTRO DE DELICADEZAS

CAMILO SOBREIRA DE SANTANA
Governador do Estado do Ceará

MARIA IZOLDA CELA DE ARRUDA COELHO
Vice-governadora do Estado do Ceará

FABIANO DOS SANTOS PIÚBA
Secretário de Estado da Cultura

SUZETE NUNES
Secretária adjunta da Cultura

ANDRÉA ROCHA
Secretária executiva da Cultura

MÁRCIA ARAÚJO
Coordenadora de Fomento e Incentivo à Cultura

ALÊNIO CARLOS NORONHA ALENCAR
Coordenador de Patrimônio Histórico,
Artístico e Cultural

VALÉRIA CORDEIRO
Coordenadora de Artes e Diversidade Cultural da
Secult

LENILDO GOMES
Coordenador de Conhecimento e Formação

MILEIDE FLORES
Coordenadora de Políticas de Livro, Leitura e
Bibliotecas

WALQUÍRIA SANTIAGO
Coordenadora Administrativa Financeiro

IVNA GIRÃO
Coordenadora de Comunicação

DALIENE FORTUNA
Coordenadora Jurídica

GECÍOLA FONSECA
Coordenadora de Governança Digital

FICHA TÉCNICA

Coordenação Geral: **Adriano Souza**
Curadoria: **Lourdes Macena**
Curador Assistente: **Aterlane Martins**
Coordenação de Produção: **Cristiane Pires**
Coordenação Administrativa: **Leonardo Pereira**
Coordenação Ações formativas: **Adson Rodrigo**
Residência Tesouros Vivos da Cultura: **Fabiano de Cristo e Orlângelo Leal**
Produção Mestres da Cultura: **Ravena Monte**
Assistente de Produção Mestres da Cultura: **Alana Morais**
Coordenação Cortejo e Feira dos Mestres: **Otton Natash**
Cerimonial: **Orlângelo Leal**
Coordenação Secretaria: **Gabriela Ramos**
Coordenação Hospedagem: **Fernanda Gomes**
Coordenação Alimentação: **Ana Lúcia Castelo**
Assistente de Produção Alimentação: **Kelly Lima**
Coordenação Infraestrutura: **Jaime Lins**
Coordenação Transporte: **Roldão Gomes**
Produção de Palco: **Thais Andrade**
Direção de Palco: **Albert Agnis**
Roadie: **Citonio Gomes**

Assessoria de Imprensa: **Helena Félix**
Assessoria de Imprensa: **Kiko Bloc**
Social Mídia: **Kamila Rabelo**
Projeto gráfico e Design: **Carlos Weiber**
Fotógrafo: **Thiago Nozi**
Fotógrafa: **Lili Rodrigues**
Videomaker: **Germano de Sousa**
Videomaker: **Gleice Keli**
Videomaker: **Victor Lima**

Coordenação Equipe de Produção em Limoeiro do Norte : **Renato Remígio** – Diretor do Instituto Municipal de Cultura de Limoeiro do Norte
Assistentes de Produção: **Edineuza Silva, Eliane Rodrigues, Dalva Rodrigues, Darla Regis, Reuber Tadeu, Nalber Silva, Adriano Castro, Adriano Mendes, Maria Rejane e Amanda Oliveira.**

COMITÊ DE MOBILIZAÇÃO, TERRITÓRIO “TERRA MÃE”
Grupos Culturais do Vale do Jaguaribe

Convidados Rodas de troca: **Graça Martins, Ewelter Rocha, Francisca Mendes, Simone de Castro e Poliana Santos.**





SUMÁRIO

MESTRES E MESTRAS DA CULTURA DO CEARÁ: tramando vidas, reinventando mundos*

Fabiano dos Santos Piúba

Doutor em Educação – UFC

Secretário da Cultura do Estado do Ceará

Seres ancestrais. Seres de educação. Seres de imaginação. Seres de criação. Os mestres e mestras da cultura são pessoas feitas da natureza dos tempos eternos. São senhores e senhoras de memórias que trazem consigo saberes e fazeres ancestrais que atravessam os tempos. Mas seus saberes não ficam abandonados em baús mofados nalgum canto do esquecimento. São compartilhados de mão em mão, de boca em boca, por entre gerações em ambientes comunitários e solidários de transmissão de saberes. Cada mestre e mestra é assim, um ser de educação que ensina seus conhecimentos como uma missão de vida.

Seus saberes não estão estancados no tempo, inertes e desprovidos de movimento e vigor. Muito pelo contrário. Quando dizemos que são seres de imaginação é porque estão concebendo, pensando, elaborando sua própria temporalidade no aqui e no agora. Ao tempo que são guardiões de memória e ancestralidades, são seres de criação. Estão tramando e tecendo, inventando e reinventando, criando e produzindo suas artes e ofícios como expressões contemporâneas. Sim, cultura popular é cultura contemporânea. Patrimônio cultural vai para além da mera noção de preservação e proteção. Patrimônio cultural é criação.

Assim sendo, o reconhecimento e a valorização dos mestres e mestras da cultura do Ceará estão inseridas em uma política de salvaguarda do patrimônio cultural, garantidas pela Lei 13.351/2003 e a Lei 13.842/2006 que instituem o registro dos Mestres e dos Tesouros Vivos da cultura tradicional popular. Mas, para além da salvaguarda, os

Os Mestres da Cultura são seres ancestrais seus conhecimentos vêm de tempos atrás recriados no agora pro futuro e muito mais.

Os Mestres da Cultura são seres de educação transmitem seus saberes com amor no coração suas artes e ofícios de geração em geração.

Os Mestres da Cultura são seres de imaginação cantam e bailam o sagrado com louvor e devoção fazem da brincadeira a festa de alegria e animação.

Os Mestres da Cultura são seres de criação inventam novos mundos com palavras, cores e mãos tecendo e tramando a vida com abraços de irmãos.*

* O poema-canção que abre este artigo é de autoria de Fabiano feito e apresentado durante o XXI Encontro Mestres do Mundo.

FOTOS TIAGO NOZI



mestres se inserem na política de fomento às artes em seus processos criativos e de difusão, bem como nas ações de formação no campo artístico e cultural e na programação da rede dos equipamentos culturais da Secult. Mas nada se compara ao momento da realização anual do Encontro Mestres do Mundo.

O Encontro Mestres do Mundo é de uma boniteza comparada com uma noite enluarada no sertão, as festas juninas com terreiros abrasados pelas fogueiras, o céu negro salpicado de estrelas, as nuvens bonitas para chover, um baile de baião, uma roda de samba ou de ciranda. Ou seja, coisa mais linda não há. Durante os dias em que acontecem o Encontro, os mestres e mestras se reúnem para alimentar seus corpos e espíritos e fortalecer as amizades que nutrem entre si, enquanto oferecem para o público suas artes e ofícios numa grande celebração noturna que chamamos de Terreirada. Pelas manhãs e tardes, os ambientes são tomados por rodas de memórias e de saberes onde os mestres e mestras renovam suas esperanças e trocam experiências e tecnologias a partir de suas artes, ofícios e vivências culturais. A presença de pesquisadores e professores é marcante nesses momentos, assim como é lindo de se ver o envolvimento e a interação dos jovens – na sua maioria estudantes e artistas – com a poesia, a música, a dança e o artesanato dos mestres e mestras que circulam nessas rodas.

Durante a noite o Encontro Mestres do Mundo vira uma grande terreirada a céu aberto. Vista da lua, certamente parece com uma grande fogueira. Mas a luz, na verdade, são as luzes que emanam de cada mestre e mestra que são as estrelas dos espetáculos que compõem a programação artística do Encontro. Nessa edição tivemos um momento mágico no último dia. A apresentação conjunta de uma cena onde todos par-

iciparam sob a direção artística de Fabiano de Cristo, Orlângelo Leal e Lourdes Macena a partir de uma proposição feita por nós. Foi um espetáculo fabuloso em formato de uma oferenda de objetos relacionados com as vidas e ofícios de cada mestre e mestra. Na entrada, o canto sagrado dos índios cearenses entoado pela Mestra Cacique Pequena e os Mestres Tremembé Luiz Caboclo e João Venâncio, com toda a força de nossos povos originários, seguidos com uma travessia feita por loas, toadas, cantigas, aboios, entradas, entremeios e saídas do cancionário do reisado, pastoril, maneiro pau, coco ao som de rabecas, violas, tambores e vozes que ecoavam da terreirada do XI Encontro dos Mestres do Mundo para todo o planeta, a partir do solo de Limoeiro do Norte, bela cidade do Vale do Jaguaribe encravada no sertão do Ceará e do Nordeste brasileiro.

Realizado desde 2005 o Encontro Mestres do Mundo compõe a política de patrimônio cultural do Estado e tem sido um evento estruturante da Secult que propicia a conexão dos mestres e mestras do Ceará entre si e com mestres convidados de estados brasileiros e de outros países. Pioneiro na formulação de políticas públicas de preservação do patrimônio imaterial, o Ceará promove anualmente este momento de união e troca entre nossos mestres e mestras da Cultura, da interação desses Tesouros Vivos com o cearense e, acima de tudo, possibilita que a cultura popular tradicional cumpra sua maior expressão: carregar de afetos e significações o solo que ocupa.

Esta décima primeira edição - outra vez em Limoeiro do Norte - teve um sabor especial. Comemoramos o recebimento do Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, maior do Brasil na área de Patrimônio Cultural, concedido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

(Iphan) que premiou em primeiro lugar o Encontro Mestres do Mundo na categoria de iniciativas de excelência e de referência em promoção, difusão e educação do patrimônio cultural. No dia 24 de outubro de 2017 fomos ao Rio de Janeiro nas companhias da Mestra Dina e do Mestre Zé Pio para recebermos o Prêmio no Teatro Municipal da cidade maravilhosa. Na verdade, esse Prêmio não é só da Secult. Os verdadeiros agraciados são todos os mestres e mestras da cultura popular e tradicional do Ceará. Por essa razão, entregamos um certificado para cada um desses senhores e senhoras, compartilhando o Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade em reconhecimento às suas atividades e experiências em prol da cultura cearense.

Ao longo dos 15 anos da lei dos Tesouros Vivos do Ceará, muitos mestres e mestras vêm sendo reconhecidos e valorizados por meio dos editais da Secult e a da realização do próprio Encontro. A partir de 2016, com o título concedido pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) de Notório Saber em Cultura Popular para todos os mestres e mestras certificados pela Secult, iniciamos um debate com as universidades e com a Secretaria de Educação do Estado do Ceará (Seduc) em torno do projeto Escolas com os Mestres da Cultura. A Universidade Federal do Cariri (UFCA) vai realizar a oferta de disciplinas lecionadas por mestres da cultura de maneira compartilhada com os docentes da Universidade. Com a UECE e a URCA estamos organizando um ciclo de aulas espetáculos, oficinas e cursos. Com a Seduc estamos iniciando no segundo semestre de 2018 o projeto Escolas com os Mestres em todas as Escolas de Tempo Integral da Rede Estadual de Ensino Médio, cujas aulas com os mestres comporão os tempos eletivos dos alunos. Além disso, os mestres e mestras estão agora inseridos de forma permanente na programação artística



da rede dos equipamentos culturais da Secult e de seus eventos estruturantes, a exemplo do Festival Música na Ibiapaba, Maloca Dragão e da Bienal Internacional do Livro do Ceará. Aliás, a Bienal de 2017 foi tomada em sua programação artística com a presença de mais de 25 mestres e mestras em um espaço luminoso e de destaque no evento que teve como tema, “Cada pessoa, um livro; o mundo, a biblioteca”. Este tema tem uma relação direta aos nossos mestres e mestras que são mais do que livros, verdadeiras bibliotecas humanas com seus saberes e fazeres.

Vale destacar ainda, que o Governador Camilo Santana sancionou a lei que ampliou o número de 60 para 80 mestres, afirmando assim um compromisso de campanha traduzida no documento “Os 7 Ceará” e cumprindo

a Meta 06 da Lei do Plano Estadual de Cultura sancionada pelo Governador em 2016. Já foi realizado um novo edital onde foram selecionados 15 novos mestres e neste ano realizamos outro para atingir o cumprimento da Meta, chegando ao número de 80 mestres e mestras da cultura que serão beneficiados com o auxílio financeiro vitalício no valor mensal de um salário-mínimo, no sentido de favorecer a permanência e a transmissão de seus saberes e fazeres, suas artes e ofícios nas comunidades em que estão inseridos.

Por fim, uma ação bem simples mas com um poder simbólico grandioso. Há muitos anos solicitavam da Secult uma Carteira de Identidade Cultural para os mestres e mestras. Fizemos uma alegre sessão de retratos, produzimos uma bela carteira com menções a Lei 13.842/2006 dos Tesouros Vivos, a certificação pela Secult e diplomação da UECE, o número do registro no livro dos Mestres da Cultura, os nomes de batismo e artístico, a categoria, o RG e CPF. Ao longo do ano de 2017 essas carteiras foram entregues em momentos distintos, como na Bienal do Livro, no Festival Música da Ibiapaba, na programação de nossos equipamentos culturais, em visitas feitas aos mestres e, principalmente, no próprio Encontro em Limoeiro do Norte. As faces de alegria e satisfação em seus rostos eram emocionantes com essa ação tão simples, porém, carregada de simbologia, autoestima, empoderamento, reconhecimento e afirmação de suas identidades como mestres e mestras da cultura do Ceará. Afinal, para ser mestre da cultura, como nos afirmou o Mestre Aldenir do Reisado do Sítio Bela Vista no Crato, é preciso ter respeito e ser respeitado pela comunidade, ser sincero e verdadeiro com aquilo que faz e ter amor, muito amor no coração. Portanto, viva os Mestres e Mestras da Cultura do Ceará! Viva!

UM ENCONTRO DE DELICADEZAS NO MUNDO DOS MESTRES

Alênio Carlos Noronha Alencar

Mestre em História Social – PUC- SP
Coordenador de Patrimônio Histórico Cultural
Secretaria da Cultura do Estado do Ceará

Carlos Vinicius Frota de Albuquerque

Mestre em Sociologia – UFC
Gerente de Patrimônio Imaterial
Secretaria da Cultura do Estado do Ceará

O Estado do Ceará possui um dos mais belos repertórios da cultura popular tradicional brasileira, presente nos mestres e mestras da cultura que, por meio da ancestralidade de seus saberes e fazeres, expressos nos corpos, mãos, sons, falas e sagrado, constroem narrativas e vivências que dão sentido, forma e tradição à sociedade contemporânea. São bandas cabaçais, reisados, bois, dramas, dança de coco, pastoris, maneiro-pau, repentis, literatura de cordel, xilogravuras, diversas tipologias de artesanato, aboios, sanfonas, violas, rabecas, lutheria, medicina popular, culinária tradicional, penitência, benditos, teatro de bonecos, arte circense, tradições juninas, dança de São Gonçalo, maracatus, culturas indígenas e tantas outras.

O Encontro Mestres do Mundo, realizado desde 2005, é uma política da Secretaria da Cultura do Estado do Ceará (Secult) voltada ao reconhecimento e à valorização dos saberes e fazeres dos mestres e mestras da cultura tradicional do Ceará. É uma oportunidade singular de

vivenciar a diversidade das tradições populares através da convivência com esses guardiões que as mantêm vivas e dinâmicas. A cada edição, reúne os mestres e mestras titulados como Tesouros Vivos da Cultura do Ceará, em confluência com brincantes, artistas, agentes culturais, estudantes, professores, pesquisadores e outros mestres locais de diversos estados e países, com uma ampla programação de atividades práticas e teóricas voltadas ao encontro e à troca de saberes e experiências. São momentos mágicos onde o público participante estabelece relação com as memórias, as narrativas e as expressões tradicionais populares.

Em 2017, como reconhecimento dos saberes, fazeres, tradições e ofícios de Mestres e Mestras da Cultura do Ceará, o Encontro Mestres do Mundo recebeu o maior prêmio do Brasil na área de Patrimônio Cultural, promovido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN): o Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade. A premiação se deu na categoria de iniciativas de excelência na promoção do Patrimônio Cultural. E foi com a entrega simbólica do Prêmio aos Mestres e Mestras da Cultura, por meio de diplomas concedidos pela Secult, que, após um cortejo pelas ruas do Centro da cidade de Limoeiro do Norte, no dia 29 de novembro, iniciou-se o XI Encontro Mestres do Mundo. Os Tesouros Vivos da Cultura do Ceará foram recebidos no palco principal do encontro, na Praça Odílio Silva, pelo Secretário da Cultura do Estado do Ceará, Fabiano dos Santos, e pelo superintendente do IPHAN no Ceará, Otacílio Macedo.

FOTOS TIAGO NOZI



A CADA EDIÇÃO, REÚNE OS MESTRES E MESTRAS TITULADOS COMO TESOUROS VIVOS DA CULTURA DO CEARÁ, EM CONFLUÊNCIA COM BRINCANTES, ARTISTAS, AGENTES CULTURAIS, ESTUDANTES, PROFESSORES, PESQUISADORES E OUTROS MESTRES LOCAIS DE DIVERSOS ESTADOS E PAÍSES

O Encontro Mestres do Mundo vem se desenvolvendo ao longo de sua trajetória em parceria com instituições, gestores e agentes culturais que têm o compromisso e a dedicação de fortalecer a cultura popular tradicional. A última edição foi produzida pelo Instituto Assum Preto, com o apoio da Prefeitura Municipal de Limoeiro do Norte, da Universidade Estadual do Ceará (FAFIDAM), da Comissão Cearense de Folclore e do Fórum de Cultura Popular Tradicional. Nesse cenário, a noite do dia 1º de dezembro foi marcada por muita emoção. Em reconhecimento pela atuação e dedicação na construção de uma política de valorização dos Tesouros Vivos da Cultura do Ceará e pelo envolvimento e colaboração junto às diversas edições do evento, receberam homenagens da organização do XI Encon-

tro Mestres do Mundo, a ex-secretária de Cultura do Estado, Cláudia Leitão, a produtora cultural Catarina Quintela, o teatrólogo Oswald Barroso, e a fundadora do Grupo Mira Ira - Folclore do Instituto Federal do Ceará (IFCE), Lourdes Macena.

Nessa edição, com o propósito de ampliar o alcance das ações educativas, estendeu-se a realização das oficinas e aulas espetáculos para outros municípios do Vale do Jaguaribe (Tabuleiro do Norte, Morada Nova, Alto Santo, Russas e Quixeré), no eixo denominado como “Terra Mãe”. Foram importantes momentos que aproximaram os saberes dos mestres e mestras aos espaços socioeducativos das crianças e jovens, dando continuidade às atividades de educação patrimonial já desenvolvidas em edições anteriores. A proposta transmite a mensagem de que não pode existir hierarquia entre os saberes científicos e os populares, devendo estes serem trabalhados de forma integrada em todos os ambientes educativos, oportunizando ainda uma maior difusão dos valores e conhecimentos das nossas expressões tradicionais.

No XI Encontro Mestres do Mundo, atendendo à reivindicação da criação de uma Carteira Cultural dos Mestres e Mestras, demanda bastante simbólica para esses homens e mulheres que dedicam suas vidas para difundir nossas tradições, foi entregue a cada um dos mestres e mestras titulados como Tesouros Vivos da Cultura do Ceará, o documento de identificação com o qual poderão ser prontamente reconhecidos nos diversos territórios e espaços culturais que desempenham suas atividades.

Ainda na edição de 2017, outro momento singular foi a realização do Seminário Interdisciplinar de Patrimônio Imaterial, com o tema “Além da Carta



de Fortaleza - uma trajetória de desafios, avanços, reafirmações e novas proposições para o patrimônio imaterial cearense”. Visando o fortalecimento das políticas de patrimônio, o Seminário favoreceu o espaço no qual, de forma democrática, diversos agentes culturais trouxeram reflexões e proposições para contribuir com as políticas públicas voltadas ao desenvolvimento, registro, salvaguarda e difusão das expressões do Patrimônio Imaterial Cearense.

O XI Encontro Mestres do Mundo promoveu quatro dias de vivências nos quais os 56 mestres e mestras presentes envolveram a todos num território de fascínio, sensibilidade, partilha, descobertas e transformações, que se deram através dos cortejos, feiras, rodas de saberes, oficinas, aulas espetáculos, terreiradas e apresentações. Ao final do Encontro, em um espetáculo repleto de emoção, delicadeza e cores, tecido numa residência artística com os músicos e artistas Orlângelo Leal e Fabiano de Cristo, cada um dos Tesouros Vivos compartilhou generosamente um pouco de seus saberes, seus afetos, suas artes, suas rezas e seus cantos nos deixando maravilhados e marcados com a diversidade da qual é composta o mundo dos Mestres da Cultura e que, a cada ano, se renova a partir da reunião desses homens e mulheres que esbanjam coragem, força e sabedoria.

Viva os Mestres da Cultura!
Viva o mundo dos Mestres da Cultura!

MESTRES DO MUNDO

SABERES MULTICULTURAIS EM ENCONTRO DE DELICADEZAS

Lourdes Macena

Profa. Dra. IFCE campus Fortaleza¹
Coordenadora do PPGArtes-IFCE

Um encontro com Mestres do Mundo evidencia os aspectos culturais de saberes e fazeres de mestres de vários territórios de forma multi promovendo a valorização destes enquanto saberes que se projetam no mundo gerando características identitárias, que personalizam o povo de cada lugar. Neste encontro multicultural se evidencia a feição do cearense caboclo, mestiço e cafuzo que somos e nos envolve em pertencimento diante do multiculturalismo, feição que norteou a principio o Encontro Mestres do Mundo desde o seu nascedouro. É um encontro de culturas diferentes em busca de si mesmas, de territórios de lógicas distintas, às vezes de idiomas diversificados, porém construindo ainda as delicadezas necessárias nesse mundo urbano e louco no qual vivemos.

Quando falamos em território de delicadezas nos reportamos à criação de homens e mulheres que teimam em reinventar-se em meio ao turbilhão de negações

¹ Pesquisadora Líder do Grupo de estudos em Cultura Folclórica Aplicada; Diretora Grupo Miraira Coordenadora do mestrado profissional em Artes do IFCE e IFCE campus Fortaleza.



TERRITÓRIO DE DELICADEZAS FALA DO LUGAR DE “SE JOGAR CONVERSA FORA” AO POR DO SOL, AO CAIR DA NOITE, ALI COM AS COMADRES, ENTRE UMA RIZADA E OUTRA PORQUE A VIDA É PARA SER FELIZ!

que a vida lhes dá para tornar seu mundo possível, seu mundo mais doce e suave.

Vemos que nas ausências contínuas destes homens e mulheres em seus diversos territórios, o cultural é inventado/reinventado, ali mesmo onde estão para promover a alegria e o sustento do corpo, da alma, dos filhos e dos vizinhos. Assim, vão encontrando-se cotidianamente com múltiplas necessidades como as musicais (por exemplo), que surgem e para que possam tocar e cantar como os pássaros eles/elas vão experimentando

FOTOS TIAGO NOZI



a produção de sons que a natureza possibilita. Corta-se bambu, fura-se, fecha-se, experimentando-se sempre para deixar no ponto o som que se quer. Cortam-se árvores e fazem rabeca, vão ouvindo, experimentando, e eis que surge um rugido, sons e mais sons e ali mesmo pelos sons que invadem sua alma vão produzindo a música que gostam como podem.

São caixas, trocanos, curimbós, alfaias, pandeirões, matracas, caracaxás, tambor onça, pé de bode, violas, rabecas, berimbau, caxixi, viola de coxo, zapõnia, flauta de pan, bumbo lenguero, quenás, cacharaina, zabumbas, e tantos e tantos outros espalhados em territórios diferenciados mundo afora.

Território de delicadezas fala do lugar de “se jogar conversa fora” ao por do sol, ao cair da noite, ali com as comadres, entre uma rizada e outra porque a vida é para ser feliz!

Território de delicadezas enfatiza espaços de homens e mulheres tecendo a vida como em tramas de renda de bilros, em telas de labirinto, no círculo do bordado, na tela do filé, onde apesar da trama humana que os instiga sem fim, o riso vem farto na roda da ciranda, que gira em sentido lunar buscando outra lógica, outra forma para a roda cruel da exclusão a que muitos vivem impostos.

No Território de delicadezas, apesar da dor se canta sempre. Para saudar a barra do dia agradecendo a natureza pelo sol farto ou pela chuva que cai, pelo frio, pelo calor, porém agradecendo sempre. Cuida-se da árvore que dá o fruto, a sombra, a lenha, a coberta da casa. Cuida-se do rio que corre solto sem lixo onde peixes e seriemas se arriscam sem medo e onde também se leva o santo para banhar-se a cada ano para cumprir o rito. É também no rio que se leva

os barcos e jangadas para navegar em homenagem a São Pedro ou no dia primeiro do ano saudamos o Bom Jesus com a barca do povo.

Território de delicadezas é um espaço de cor fortemente colorido que esbanja nossa coragem de teimar em viver amando, apenas amando onde o ter não é o nosso maior lema, mas sim, a solidariedade de compartilhar, de somar, de agregar e de distribuir. Também enfatiza nossa singeleza no branco pueril da toalha de renda rendada de flores e sorrisos de quem nasceu para doar-se porque somente assim consegue sentir felicidade pois entende que é na doação ao outro que a vida flui.

Território de delicadezas não fala de uma multidão correndo atrás de algo seja bloco, boi ou banda, mas sim de uma roda singela onde quem quiser pode entrar, onde se sabe quem brinca sempre, e quem chegou recentemente para brincar.

Território de delicadezas está nas mãos calejadas que cria com o barro que brota do chão, nos enfeites e recortes brancos que enfeitam a peça ao final porque a vida é para se enfeitar na vida somada com outras vidas que também lutam e cantam, encantam e se encantam em outros pelos saberes compartilhados.

Nossa programação preocupou-se não apenas em possibilitar encontro com os

Tesouros vivos Cearenses e seus saberes diplomados de 2004 a 2015, mas, principalmente, em buscar oportunidades para deixar claro que os tesouros vivos são todos os que dominam práticas ancestrais e se encontram por este Ceará ainda tão desconhecido de muitos. A política pública do Estado por meio do edital dos Tesouros Vivos reconhece apenas por amostragem alguns destes.



Outra preocupação que tivemos foi com os Encantados, aqueles Mestres e ou Mestras já falecidos. Entendemos que apesar da morte d@ Mestr@ é preciso continuar dando ênfase a sua prática ao seu fazer como forma de salvaguardar o saber e continuar impulsionando o grupo que fica, no caso de práticas coletivas, principalmente. O Mestre vai, mas o saber fica nas relações sociais e culturais estabelecidas no cotidiano da comunidade. Isto é possível quando o repasse deste saber ocorrer na respeitabilidade e reconhecimento do território em que viviam. Assim, tanto na edição anterior como nesta tive pessoalmente uma preocupação em dar destaque aos Mestres falecidos, seus saberes e grupos criando nestas últimas duas edições dos evento o espaço dos Encantados.

Buscou-se também deixar evidente e possibilitar participação dos Grupos e Coletividades reconhecidas que como destaca a LEI No 13.842, DE 27.11.06 são estas “dotados de conhecimentos e técnicas de atividades culturais cuja produção, preservação e transmissão representativas de elevado grau de maestria, constituindo importante referencial da cultura cearense.

Neste encontro deixou-se claro que é necessário dar uma pausa para se repensar a vida porque outra lógica é possível. Evidencia-se que é preciso se motivar pelo afeto, aproximações, experimentações do simples e pelo brincar e principalmente se envolver com os artífices dessas delicadezas em prol sempre do coletivo, da sobrevivência da humanidade pelo afeto e ato de compartilhar.

MESTRES DO MUNDO: PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL, SALVAGUARDA, DIREITOS E FOMENTO – REFLEXÕES NECESSÁRIAS.

Lourdes Macena
Profa. Dra. IFCE



Foi com o pensamento voltado para os Mestres – tesouros vivos do Ceará, seus saberes, ofícios e fazeres, e as questões diretamente ligadas ao patrimônio imaterial, a salvaguarda, diretos culturais e fomento que se articulou a proposta curatorial do evento Mestres do Mundo em 2017.

Conhecedores do universo de delicadezas e afetos que envolvem estes homens e mulheres e desejosos disso compartilhar, o conceito dessa curadoria se apoiou na visão de Natália Brayner² sobre o Patrimô-

² In: Patrimônio Cultural Imaterial: para saber mais. 3ª. ed. Brasília, DF: Iphan, 2012.

nio Imaterial e nas questões voltadas a contribuir para a conscientização da necessidade de realização de inventário e registro dos bens de natureza imaterial. O evento deixou evidentes os Mestres como protagonistas de grupos, ofícios e saberes buscando contribuir para a compreensão da necessidade de realização por parte do Ceará do inventário dos saberes registrados. É o que enfatiza também os textos de Marcia Sant’Anna (2005) por meio do qual se verificam abordagens sobre políticas públicas e salvaguarda do Patrimônio Imaterial destacando a necessidade de ações de apoio após o registro dos bens imateriais de forma contínua.

Levou-se em consideração toda a orientação da Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Imaterial da UNESCO de 2003, por meio da qual se orienta para ações e medidas que possam viabilizar o Patrimônio cultural imaterial e, no caso específico da proposta do evento dos Mestres se buscou a promoção, a valorização e a transmissão conforme orienta o documento mencionado.

A abordagem de Rylvia Alencar (2017) sobre direitos culturais de cada povo para desempenhar suas práticas fez com que nos preocupássemos com a

necessidade de reconhecimento desses saberes, por quem está no território no qual estes vivem como também conscientização pelos próprios Mestres para poderem exercer esse direito.

Apoiamo-nos ainda no conceito de educação patrimonial de Horta (1999) adaptado para ações que envolvem o patrimônio imaterial na docência. Diferente do patrimônio edificado (Material) o patrimônio imaterial depende do conhecer pelo sentir, cantar, fazer, manipular, conhecer fazendo, estando com ele, assim, nossa proposta buscou envolver as escolas do Vale do Jaguaribe (na medida do possível) com estes fazeres, saberes, ofícios e seus Mestres pela atividade sensível, pelo corpo, pelo viver como acreditamos que deva ser todo o processo de educação patrimonial do Imaterial.

O Evento se voltou para o caráter da ancestralidade do saber da/do Mestra/Mestre procurando com isso ancorar a memória para favorecer continuidades, pois eles os Mestres, tesouros vivos são guardiões do saber ancestral. Assim, esta proposta preocupou-se também em estabelecer reflexões para compreensão dessa diversidade de formas e relações que se estabelecem entre os tesouros vivos e os fazeres coletivos e/ou individuais. Sabe-se que quando o saber/fazer dos mestres se refere a uma expressão coletiva como um grupo de pastoril, boi ou reisado, por exemplo, este saber se mantém também no corpo e na memória de quem dele faz parte e assim, é muito importante na questão da salvaguarda ações, reflexões e sentidos ampliados sobre a questão da memória que permanece também no coletivo de quem faz parte da brincadeira.

A curadoria baseou-se ainda nas abordagens sobre as recriações contemporâneas dos folguedos tradicio-



nais pensando na performance como modo de conhecimento da cultura popular destacado por Travassos (2004, p. 110); bem como na incorporação e memória na performance do ator brincante de Oswald Barroso (2004, p. 68) e nas questões que envolvem o patrimônio imaterial, a performance cultural e a (re) tradicionalização. A proposta trouxe também sugestões que envolveram a tradução da tradição defendida por Rosenberg Cariri em suas falas sobre os Mestres e o que norteia a escola de Saberes e Fazeres.

Destacamos assim, que a proposta curatorial surgiu com o olhar voltado para o saber ancestral que tem no mestre o guardião da memória, detentores de saberes em meio ao cotidiano de vidas coletivas ligadas aos territórios onde se encontram, pelas características que estas possuem de aculturação, delicadezas e afetos promovidos na dinâmica cultural cotidiana e de tudo que possa contribuir para a salvaguarda, fomento, difusão de seus saberes e fazeres.

TESOUROS VIVOS, LUGAR DE DIVERSIDADE E DE FAZERES CULTURAIS

Poliana Santos Braga
Comissão Cearense de Folclore



A Cultura Tradicional está enraizada na nossa história através das diversas expressões populares. Cada mestre traz consigo sua arte adquirida desde muito cedo, que vão sendo passadas de geração a geração, e que devem ser preservadas e perpetuadas para o conhecimento das futuras gerações.

O Encontro Mestres do Mundo é um evento de grande importância para o Estado do Ceará no que diz respeito às manifestações da cultura popular tradicional, é um momento único, nos permitindo um contato mais próximo com uma gama diversa de expressões que se juntam neste evento, e desta forma podemos perceber e acompanhar o fazer e o saber dos mestres que brincam, que se divertem, que trabalham, que falam de suas inquietações, de suas dificuldades em continuar com sua arte. É neste evento também que suas vozes encontram ressonância na voz de muitas outras pessoas preocupadas com estas questões, é um momento muito importante que se busca dar visibilidade e valorização aos mestres dos mais variados segmentos. São momentos que possibilitam várias experimentações, descobertas, a partir da fala dos mestres que neste momento são doutores de suas próprias experiências vivenciadas ao longo de sua vida e aqui relatadas e compartilhadas com todos.

Durante todo encontro percebemos que os mestres são pessoas de um discurso natural, de uma simplicidade encantadora, sua arte aflora de uma maneira fácil, não é necessário esforço algum para falar de si e das tradições que carregam consigo. Aliás, são estes relatos de experiências que permitem que os mestres além de transmitir sua bagagem cultural, tomem conhecimento dos problemas vivenciados em comum com



mestres de outros pontos do Estado e do país. Percebemos também como se sentem orgulhosos, respeitados quando sobem ao palco ou quando estão nas rodas de saberes transmitindo seus conhecimentos, diferente do que vivem no dia a dia, naquele momento tomam consciência de sua importância e responsabilidade com a construção não só de um país que se limita por suas fronteiras demarcadas, mas de uma nação ligadas pela tradição e pela resiliência cultural.

Os mestres participantes do XI Encontro Mestres do mundo podem ser identificados por suas diversas habilidades do seu fazer cultural, seja tocando um instrumento, seja fazendo objetos de barro ou cerâmica, seja dançando com seus grupos tradicionais, ou através da invocação do sagrado, estão na verdade contribuindo com a construção de um Brasil diverso e mais forte. O XI Encontro Mestres do Mundo deixa um legado de respeito, de reconhecimento a estes tesouros vivos, dando-lhes lugar de honra na nossa cultura popular tradicional, a partir do momento em que estes mestres são reconhecidos e valorizados pelo que representam de mais importante para a cultura nacional.

RODA DO CORPO

FOTO LILIANE



NOSSA DANÇA É A NOSSA FORÇA! UM VIVA AOS MESTRES DA CULTURA POPULAR!

Circe Macena de Souza

Mestranda em Artes (IFCE) – LPCT – Miralra/IFCE



**MAS EU SOU NOVO E O MEU MESTRE
É MEU GUIA, TUDO QUE ELE CANTA
VIRA PARA MIM UMA LIÇÃO³**

Em cada canto, cada fala, cada som, compartilhamos nossas histórias. Cantos dos nossos antepassados, da nossa memória ancestral esquecida por nossa vida corrida em meio ao asfalto. Cada canto fala de nós, do nosso povo, da nossa fé, da nossa festa. Canto dos esquecidos, dos não vistos, não lembrados. O canto é a voz que não é ouvida e a dança é o grito de resistência que ecoa pela união dos nossos corpos.

Nas rodas de corpo, dançamos os nossos Bois, Reisados, Maneiro Paus, Lapinhas, Pastoris. Cada Mestre quer compartilhar suas andanças, suas lutas para che-

³trecho da Música ‘Meu Mestre, Meu Guia’, de Fabiano de Cristo (Fulô da Aurora)

gar onde está, suas dificuldades e alegrias. Por isso, todos querem partilhar. Cada fala é uma lição de vida que nós somos honrados em receber.

Minha experiência como mediadora da Roda de Corpo não se resume em palavras. Penso que colocar em palavras algo tão extraordinário é, de certa forma, reduzir a sua tamanha grandeza. Pois estar com os Mestres é sempre algo grandioso para mim, artista, brincante, pesquisadora, docente, mais ainda. Com eles, estamos aprendendo a todo momento: aprendo sobre a vida, aprendo cada passo, giro e contra giro, aprendo a aprender, e aprendo a ensinar.

Geralmente é na Roda de Corpo que vão mais Mestres e mais pessoas buscando aprender. Por isso, esse ano, a Roda ficou sendo na quadra de uma escola de Limoeiro do Norte, mais afastada do local que estava abrigando toda a programação do evento. Por conta disso, no primeiro dia, foram poucas pessoas, pois muitas ficaram perdidas no meio do caminho.

Assim, com poucas pessoas, no primeiro dia de Roda, os Mestres estavam tristonhos, pois não tinham muitas pessoas para ouvir suas histórias, seu canto e sua dança. Foi daí então que percebi que sem o público a brincadeira não acontece, podem ter mil brincantes, mas se a

FOTOS TIAGO NOZI



comunidade não se reunir para ouvir, cantar junto e dançar não há folia que resista. Porém, mesmo com poucas pessoas, dançamos, cantamos e brincamos juntos.

No segundo dia, ainda com poucas pessoas, tivemos uma grande e emocionante surpresa, a escola parou suas atividades para vivenciar a Roda. As crianças, ainda envergonhadas, se aproximaram aos poucos, curiosos do que fazíamos. Olhavam o Mestre cantando e aqueles adultos dançando e riam, estranhavam. Aos poucos, cada Mestre foi convidando cada criança a entrar na brincadeira. Lembro-me de convidar várias crianças para se aproximar, e todas vieram com aquele sorriso amarelo, aquele rostinho envergonhado, mas estavam todas se preparando para estar totalmente entregues aquele momento. E assim foi.

Lembro-me da Mestra Zulene que depois de brincar de Boi e Maneiro Pau com as crianças pediu que fizéssemos algumas brincadeiras de roda da nossa infância. Esse momento foi de tirar o fôlego! As crianças aprenderam as músicas e riam de felicidade. Brincaram conosco aproveitando cada momento. Eu virei criança e cada Mestre que estava na roda também. Eu, particularmente, fechei o olho e pensei: que dia lindo esse que estou vivendo! Eu, criança de novo, ao lado de minha mãe, criança de novo, junto de cada Mestre, criança de novo. Rimos, cantamos, dançamos e nos emocionamos, junto daqueles pequenos que vão guardar essa experiência grandiosa por toda vida, assim espero.

Na Roda de Corpo, nos transportamos para qualquer lugar, de Fortaleza para Juazeiro, do Juazeiro para o Maranhão, do Maranhão para Mato Grosso do Sul. Dançamos a história de cada lugar. Esse ano, tivemos Mestres de outros lugares além do Ceará. Foi rico ver os Mestres trocando suas experiências. Ver Mestre de Careta de



Potengi - CE dançar Siriri do Mato Grosso, aprendendo junto conosco e, como sempre, nos ensinando que sempre temos o que aprender e o que partilhar.

No último dia de roda, pedi para que os Mestres de Reisado, ao final da manhã, se reunissem e fizessem uma despedida todos juntos. Esse foi outro momento emocionante. Ainda fecho os olhos e me recordo de Mestre Antônio, do Reisado dos Irmãos de Juazeiro, cantando sua devoção a Nossa Senhora com todos os seus Mestres companheiros acompanhando e dançando. As cadeiras estavam quase vazias porque todos estavam no centro brincando conosco.

Outro momento emocionante foi quando Mestre Antônio puxou um agradecimento ao Mestre Aldenir (Crato - CE), que estava sentado em uma cadeira em frente

aos cordões, como um Rei majestoso, e assistiu emocionado a tudo de perto. Mestre Antônio puxou e todos cantaram juntos em coro agradecendo o ensinamento, seus tantos anos dedicado à cultura: “Mestre Aldenir é um homem de valor, ele é meu professor, do Reisado Brasileiro!”. Todos nós fomos às lágrimas e, mais uma vez, aprendemos com eles o valor da Gratidão.

De manhã, estávamos compartilhando saberes nas Rodas. À tarde, depois do descanso, ensaiamos juntos uma surpresa do Evento. Surpresa essa que na verdade era uma grande homenagem, pensada por nós, feita por eles, compartilhadas para todos de Limoeiro. Cada Mestre se aproxima do microfone de Orlângelo Leal e cantava, dançava e isso ia sendo roteirizado por ele e Fabiano de Cristo para a grande noite de encerramento.

Depois de muitos ensaios e, com certeza, sorrisos, é chegado o grande dia. Com canções, cada Mestre entrava no palco do evento, Mestres dos sons, das mãos, da oralidade, do sagrado e do corpo deixavam em um grande oratório alguns símbolos dos seus saberes e fazeres. E sim, desde o início nos emocionamos. Choramos com o Aboio de Dona Dina, a Rabeca de Antônio Hortêncio e a música e a dança de tantos Mestres que comigo estavam na Roda de Corpo. E, novamente, agora para um grande público, cantamos juntos, abrimos e fechamos nosso terreiro. Fizemos a nossa Festa. Demos viva à nossa cultura. Fizemos um grande grito de resistência ecoar em toda Limoeiro do Norte.

O evento Mestres do Mundo é necessário para todas as cidades do Ceará. Esse evento/encontro tem cheirinho de lavanda e suor. É o cafezinho à tarde na varanda, a benção de todo dia, o cochilo na rede, a comida caseira e sanfona aos domingos em família.

Seria bonito e importante fazer ele chegar do litoral ao sertão, NAS ESCOLAS, nas casas, nas praças, em todo lugar. Povoar o encontro é renovar a força de cada Mestre. Sem nós, eles não querem ser eles. E sem eles, viramos uma folha em branco, perdemos nossa identidade, nossa força ancestral. Esquecemos de nós mesmos e tudo que somos graças a eles.

Estar com os Mestres em cada evento muda parte de mim, renova-me quanto artista e ser humano. Esse encontro é um grito forte frente à toda truculência e brutal desumanização que estamos sofrendo. É um Fora o desamor, Fora a opressão, Fora o esquecimento.

E que venham mais encontros! Viva os Mestres da cultura popular! E um forte: MUITO OBRIGADA!



SENSÍVEIS NOTAS DE EXPERIÊNCIA SOBRE O MESTRE DO MUNDO – OU O MUNDO DOS MESTRES

Nayana Castro

Grupo Miraira – IFCE e Graduanda em dança/UFC

Com muita alegria hoje teço comentários e compartilho experiências que vivi no XI Encontro dos Mestres do Mundo, no município de Limoeiro do Norte - CE.

Chegar ao Vale do Jaguaribe, no meu imaginário já se dá uma brejeirice sertaneja da qual nunca vivi quando pequena, hoje já grande, me sinto uma filha emprestada do interior do meu Ceará. Pois o que construí de memória antiga e ancestral ao longo da minha adolescência e juventude, foi com o Encontro dos Mestres do Mundo, o qual já participei de várias edições.

É no encontro tão pertinho e tão afetivo com esses grandes guerreiros da cultura popular que hoje continuo de forma resistente e encantada, a minha dança de cada dia. É nesse contato direto, coração com coração, pé ante pé, entre triângulos e zabumbas, espelhos e espadas, nas rodas de Corpo dos Mestres do Mundo que a sabedoria de um, se torna a identidade do ser cearense.

Durante o encontro de 2017, em especial, a roda de Mestres do Copo me proporcionou uma visão ainda mais aproximada, desses tesouros vivos, uma vez que o coletivo se torna uma grande festa de afetos entre eles, e entre os alunos, observadores, pesquisado-



FOTO LILIANE

É NO ENCONTRO TÃO PERTINHO E TÃO AFETIVO COM ESSES GRANDES GUERREIROS DA CULTURA POPULAR QUE HOJE CONTINUO DE FORMA RESISTENTE E ENCANTADA, A MINHA DANÇA DE CADA DIA.

res, curiosos, amantes da cultura e do folclore. Todas e todos, sem distinção de idade, cor, credo, gênero, entram no terreiro sagrado e improvisado dos brinquedos dançados e muitas vezes rezados, bailando e comemorando a vida.

Foi com o Mestre Zé Pio que aprendi num passo pinotado e outro, na zabumba arretada do Boi Ceará, a persistir e resistir na dança e no canto.

Foi com o Reisado dos Irmãos que meus olhos brilharam como a ponta de suas espadas cintilando o céu e o riscando o chão. Foi com eles que ajoelhada ao chão renovei minha fé no Manto de Nossa Senhora, à medida que cantava e dançava, também louvava.

Foi com Mestre Aldenir, na sua bondade, carinho e entrega que aprendi o que é partilhar, que aprendi o que é o Amor pelo que se faz. Esse mesmo amor tomou forma em Mestre Aldenir.

Com a dupla do Centro Oeste, que trouxe o Sururu, ampliou a minha vista aos mestres que de tão longe



que também cultivam e trazem parte do seu povo para perto de nós.

Com Mestra Fátima revivi minha infância dançando uma quadrilha improvisada, revisitando minha meninice de Rainha do Milho, na escolinha, no auge dos meus 6 anos.

Com Mestre Piauí e sua incansável viola, aprendi o poder de fazer amigos, de abraçá-los, de ver como a dança, a música e o folclore nos une num só coração.

Mestre Cirilo, mestre do Maneiro-pau! Com ele aprendi a festa incansável do corpo e do canto. O poder que é estar entre amigos, mesmo sendo mestre, generosamente aprendendo com outros Mestres e Mestras, colaborando com seu canto e sua dança sempre a disposição.

Por fim aprendi sobre auto-estima, sobre elegância, sobre a riqueza de detalhes, sobre o mundo de fantasia com a Mestra Ana dos Dramas de Tianguá. Quanta fortaleza, orgulho e beleza em ser mulher e Mestra da Cultura Popular.

E em todos os tantos encontros com outros Mestres, foram quatro dias de um mergulho intenso pra dentro do Vale de águas que me banharam de cultura, de arte, de história, de dança, de simbologias e o mais importante, de afetos.

Sinto-me embalada em cheiros de avós e avôs na volta pra casa, sempre no desejo do próximo encontro com Elas e Eles, os quais têm todo meu amor, minha gratidão, todo meu afeto e uma honra aonde quer que eu vá e leve minha dança, minha fala, minha luta, minha resistência, que é nossa. Porque me compõem em sons, palavras, rezas, músicas e danças, e me ajuda a ver o mundo por lentes coloridas, espelhadas, generosas, alegres e de fé.

RODA DOS SONS

FOTO LILIANE



MUITO ALÉM DA MÚSICA QUE ME ENSINAM

Ricardo Alisson Barbosa Batista

Estudante de Música (UECE) LPCT-Miraira/
IFCE

Mediar a roda dos sons do XI Encontro Mestres do Mundo foi um dos momentos mais lindos que vivi, de estudo e de vida. Estar com os mestres, conhecê-los, conviver, aprender com suas histórias foi como fazer uma amizade daquelas que a gente não se dá conta quando começa e jamais esquece.

Antes de iniciar a primeira roda dos sons, eu estava apreensivo e emocionado ao mesmo tempo, considerando que estaria ali com eles, de quem sou fã. A energia, simplicidade e receptividade dos mestres uns com os outros, ao chegarem à sala foi me dando a impressão que eu havia sido convidado para tomar um café na casa deles, e a gente estava conversando sobre a vida, na varanda, independente de qualquer coisa, a gente estava ali trocando histórias entre um som e outro. Nessa roda, não me vi como condutor, nem mediador, eu era um menino que estava curioso para conhecer os mestres e vê-los mostrando os trabalhos e conversando entre si.

Eu sou músico e tenho uma visão da música longe do que me é ensinado formalmente na faculdade, uma música eurocêntrica, formal, e que de certa forma des- trata e desconsidera as características e qualidades da música de tradição oral. Conviver com os mestres nas

rodas de som foi entrar em contato íntimo com a arte que é a música, na simplicidade do seu fazer, e na complexidade do seu sentir.

Estar conectado com os mestres me transformou como estudante de música e me emocionou muitas vezes nas rodas de sons, como o momento com o Mestre Antônio Hortêncio que me deu uma das maiores lições de música/vida que eu poderia ter tido, algo que trago dentro de mim desde então.

Ele, sem falar nada, foi entrando na sala e já me ensinava muitas coisas. Aquele senhor, em sua cadeira de rodas, cujo peso da vida não o fez parar de tocar, me fez perceber que a dor nos ossos era esquecida quando a rabeca estava em suas mãos.

Aprendi ali muito além da música. Aprendi que o amor familiar é importante quando vi o cuidado que sua filha tinha em conduzir sua cadeira de rodas pelos obstáculos, abrir a bolsa e dar em suas mãos com delicadeza sua Rabeca. Aprendi a ter um apreço lindo com meu instrumento quando vi o cuidado que ele tinha, quase abraçando a sua Rabeca antes de tocar, mas foi sua sensibilidade o que ficou marcado fortemente além de tudo isso.

Em certo momento, pedi para mestre Hortêncio mostrar um pouco do som da sua rabeca tocando uma

música de sua autoria, e o que veio a seguir foi uma demonstração do que eu acredito ser o estágio máximo da música, que é a confirmação da característica que esta tem de mexer com nossa sensibilidade, de nos conectar com nossos sentimentos. Mestre Hortêncio começou ali a tocar e eu estava do seu lado, observando e admirando sua postura. Ele tocava curvado sobre o instrumento, devido sua idade, mas o que me chamou a atenção foi seu olhar, de quem já não estava mais ali, na roda dos sons, naquela sala dos Mestres do Mundo. Nas três primeiras notas, ele já estava com um sorriso no rosto e aquele olhar feliz, mirando sua rabeca, já tinha me emocionado. Ao perceber que todos paravam para ouvir sua música ele começou a chorar, os olhos brilhavam de tantas lágrimas. A filha nos avisou que não era nenhum problema, pois ele era muito emotivo e ali, naquele momento percebi, senti todo seu amor pela música e também comecei a chorar e minhas lágrimas já molhavam todo meu rosto. Foi impossível falar quando ele terminou de tocar e nesse momento tive a maior lição do encontro.

Eu me perguntava, como um senhor desse se emociona tanto com a música ainda? Quantas vezes ele já tocou essa mesma música? Vi que as respostas não importavam, o que era certeza é que a música está ligada com nossos sentimentos, seja saudade, amor, tristeza, raiva e esquecer isso é um erro grave. Pensei em quantas vezes toquei por tocar, sem sentimento nenhum, de forma mecânica. Mestre Hortêncio da Rabeca, quando tocou me ensinou um valor pra toda vida. Ensinou-me que não devemos criar tantas barreiras, se vestir com tantas armaduras, que estar disposto a sentir é um ato de coragem e que a vida é bem melhor assim.

Particpei do encontro de forma completa, fiz amiza-



de, tive experiências, toquei no palco junto dos mestres e cada vivência teve uma importância forte. Sou muito grato a cada um dos Mestres por estarem dispostos a passar seus conhecimentos. Cada Mestre é um universo em si, com seus cheiros, seus corpos, suas danças, sua ancestralidade, sua fé. Alguns têm cheiro de cravo, outros têm corpos ágeis, cada um tem sua dança, cada um aprendeu de um jeito e cada um se liga a espiritualidade na sua forma. Cada piada nos corredores compartilhada, cada risada dada, cada aplauso da plateia, cada bênção dada para os jovens, cada mesa de almoço dividida, cada espera de ônibus, cada farra na pousada, cada conversa fiada, tudo isso é o encontro dos Mestres. O encontro está para além de quatro paredes de uma sala e um palco, pois eles, os Mestres, tratam de nos reensinar a viver, e viver não cabe em palavras.

RODA DO SAGRADO

FOTO TIAGO NOZI



O SAGRADO E OS MESTRES, UMA CONEXÃO COM OS MODOS DE VIDA

Maria das Graças Almeida Martins

Gerente da Célula de Patrimônio Imaterial
da Secultfor



FOTOS TIAGO NOZI

É claro que todos nós podemos sentir a energia que vem do sagrado. Quando me sentei diante de tantos mestres e mestras em uma roda de trocas, ao redor dos símbolos mais diversos, das expressões religiosas mais diferentes, não foi difícil sentir e experienciar a vivacidade, a paz, a vibração da fraternidade e a sinceridade no diálogo e na apresentação de cada saber. A oportunidade me encheu de radi-

ção, pois mediar aquela conversa, foi entrar em contato com o mais íntimo do ser, que é a representabilidade de sua fé, e me aproximar das representações da religiosidade popular. A cruz, o terço, o espírito santo, os orixás, etc, todas essas imagens deixam de ser simples objetos para serem instrumentos de elo entre a terra e o contato com o ser superior, que dizemos onipresente e onipotente. Os dias aqui em Limoeiro do Norte no evento



intitulado Mestres do Mundo me deu uma oportunidade única dessa aproximação com os saberes e com os fazeres sagrados do nosso povo. A diversidade e as diferentes formas de expressar, pensar e sentir é também uma forma de nos conectar não apenas com os sentidos e sentimentos dos outros, mas também com os nossos significantes e significados do interior do ser.

A forma sensível como a sala foi arrumada, com velas e insensos, imagens das mais diversas, entre santos e orixás, já era um prenúncio de que o nosso encontro com os Mestres seria absolutamente vigoroso e certo, já que são muitas as nossas formas de conexão com o “divino”, com o “sagrado”. Essa força suprema capaz de nos transformar em seres melhores e mudar o mundo, chegam a nós por diversas vias. Seja a Raizeira, que, com seus chás, ugentos, gestos e orações, tem o poder de nos revigorar e nos curar de males físicos e mentais; seja o Penitente com sua cântico em forma de oração, ressoando alguns benditos das incelenças, nos levando a sentir o poder da fé, num relato de experiência muito singular, sobre o ritual da autoflagelação, onde

ele afirma “purifica o corpo do pecado”; seja o Mestre do Reizado relatando o clima festivo da comemoração de Reis, com suas músicas festivas, quando encenam o nascimento de Jesus e a visita dos três Reis Magos, que ganhou características próprias das festas populares brasileira; seja do Mestre da Dança de São Gonçalo do Amarante, que na sua experiência conta a história da conversão do santo, protetor dos violeiros e remédio contra as enchentes na sua busca interior quando encontra uma forma de converer pecadores, cantando suas jornadas; a Mestra de Pastoril, que demonstrou a mistura de sua dança, teatro e música para compor a manifestação, entre sagrado e profano, evidenciando a luta do bem contra o mal, nos dando a clara noção de perido e salvação.

Vi, ouvi e vivenciei bons e importantes momentos entre a razão e a fé, entre os relatos de experiência de curas do corpo e da alma, onde a espiritualidade não significa especificamente uma religião, mas uma forma de vida, uma forma de conexão com tudo que chamamos de “sagrado”.

RODA DA ORALIDADE

FOTO TIAGO NOZI



MESTRAS, MESTRES E SABERES QUE NOS DIZEM QUEM SOMOS

Simone Oliveira de Castro

Professora Doutora e Pesquisadora do Grupo de Estudos em Cultura Folclórica Aplicada, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – Campus Fortaleza.

No centro da roda, assim o Cacique João Venâncio, do Povo Tremembé de Almofala, acompanhado do seu maracá, inicia o ritual de (re)encontro de todos nós, na Roda da Oralidade, no XI Encontro Mestres do Mundo. Tudo nessa roda tem força! E gira como o vento, ou balança como as sementes dentro do maracá sagrado de cada tribo indígena que resiste e existe, buscando força no tronco da jurema. Tudo gira em torno da força do oral, do orar, do cantar, do se encantar, porque em tudo que se fala, gesticula, canta e pensa transborda poesia oral como para celebrar a existência de saberes que se constroem e nos unem à experiência vivida de cada Mestra e Mestre.

É importante entender que a oralidade “(...) não se reduz à ação da voz. Expansão do corpo, embora não o esgote. A oralidade implica tudo o que, em nós, se endereça ao outro: seja um gesto mudo, um olhar” (ZUMTHOR, 2010, p.217)⁵. E é por meio de olhares e gestos acolhedores que cada corpo pre-



FOTOS TIAGO NOZI

**Eu vem da força do vento
Vem do balanço do mar
Vem do tronco da jurema
Balançando o maracá
Vem do tronco da jurema
Balançando o maracá**

**Eu vem da força do vento
Vem do balanço do mar
Trago força da jurema
Balançando o maracá
A cura só é bem feita
Tomando o mocororó⁴**

⁴ Canto gravado em 30/11/2017 pela autora ao coordenar a Roda da Oralidade no XI Encontro Mestres do Mundo em Limoeiro do Norte/CE

sente na Roda da Oralidade se irmana para (re)conhecer inúmeras tradições e formas de expressão que inscritas em um corpo/memória ancestral vão se renovando a cada geração.

Difícil, portanto, a escrita da experiência vivida em performance, na oralidade de falas, olhares, gestos, cantos, danças, corpos que estiveram presentes e trocaram, de maneiras diversas, energias. Tento aqui minimamente transmitir o inefável celebrado nesse Encontro.

Privilegio dos presentes que, enquanto viverem, sentirão a presença um do outro ao lembrarem-se desse reencontro, e meu, sobretudo, que sigo aprendendo com os dramas e canções de Dona Zilda, de Guarimiranga, que no alto de seus noventa anos, mantém uma memória criativa impressionante. E ao ser convidada a nos brindar com sua arte, canta uma paródia, como denominou, feita na noite anterior para expressar sua alegria em estar no Encontro:

São tantos saberes! Não terei como cantar as canções da Mestra Cacique Pequena, do Povo Jenipapo-Kanindé, nem de relatar os ensinamentos de cura do Mestre Pajé Manuel Caboclo, do Povo Tremembé, de Almofala, ou as canções e cordéis do Mestre Lucas Evangelista, ou a declamação impecável do cordelista Mestre Luciano Carneiro, ou a força dos aboios da Mestra Dina Vaqueira e do Mestre Pedro Coelho, ou a graça marota dos personagens do Mestre Gilberto Calungueiro, ou os cocos e canções do Mestre Moisés e de tantos outros e outras Mestres e Mestras que circulam e giram

⁵ ZUMTHOR, Paul. Introdução à Poesia Oral. Trad.: Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat, Maria Inês de Almeida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

**Outra vez, eu estou em Limoeiro
Com os mestres do mundo inteiro
Tornamos nos encontrar
Para falar algo do ano passado
Estamos ao lado a lado
Então vamos dialogar
Estou feliz por estar aqui presente
Trazendo essa semente
Para a arte germinar
Me apresento com amor e com ternura
Como mestra da Cultura
Eu quero continuar**

**Aqui cheguei,
Fui muito bem recebida
Eu fique feliz da vida
Não tenho o que reclamar
Continuando com a minha poesia
Entra ano, dia a dia para se representar.
Estou feliz por estar aqui presente
Trazendo essa semente
Para a arte germinar
Me apresento com amor e com ternura
Como mestra da Cultura
Eu quero continuar.⁶
(...)**

⁶ Parodia gravada em 30/11/2017 pela autora ao coordenar a Roda da Oralidade no XI Encontro Mestres do Mundo em Limoeiro do Norte/CE.



na Roda da Oralidade para nos dizer quem somos e de onde viemos.

Essas Mestras e Mestres nos unem em torno de saberes que revelam modos de ser e de viver enraizados ainda no sertão e, em parte, nas periferias de muitas de nossas cidades, mas por motivos, que não cabe nesse curto espaço discutir, estão ausentes do cotidiano, da vivência e da experiência de grande parte de crianças, jovens e adultos que habitam os referidos espaços.

E afirmo essa ausência a partir da emoção expres-

sa nas falas de alguns jovens alunos do Instituto Federal do Ceará - campus Fortaleza, que todo ano temos conseguido levar diferentes turmas para partilhar com Mestras e Mestres um reencontro com saberes que dizem de todos nós. O despertar para o encantamento com sua cultura que se cria nesses jovens ao viverem o encontro com essas Mestras e Mestres constitui, a meu ver e parafraseando Dona Zilda, um dos grandes tesouros que trarão a “semente para essa arte/esses saberes germinarem”.



TEXTO PROGRAMAÇÃO LIVRE



AULAS ESPETÁCULOS E OFICINAS



OS ENCONTROS DAS FELICIDADES

Henrique Pereira Rocha

Doutorando em Ócio e Desenvolvimento Humano pela Universidade de Deusto, em Bilbao - Espanha
Conselheiro-suplente do Conselho Estadual de Política Cultural do Ceará, representante do segmento de Tradições Populares (2015-2017)
Membro do Colegiado Setorial de Culturas Populares (2013-2015 e 2015-2017)
Conselheiro-suplente do Conselho Nacional de Política Cultural - CNPC, do Ministério da Cultura (2015-2017).

Mais um ano o Vale do Jaguaribe abre os braços para receber os Mestres e as Mestras da cultura popular tradicional do Ceará, junto com convidados de outras partes do Brasil e do Mundo. Nessa roda entram crianças, gente grande, gente que pesquisa, gente que só quer brincar experimentando a arte de nossos Mestres, e gente que só quer olhar... Nada que se refira a este momento pode ser tratado no singular, porque plural ele o é.

A rabeça ressoa nas mãos ainda firmes de seu Antônio Hortêncio, enquanto se preparam danças, poesias, benditos, e o terreiro vibra em uma multiplicidade sonora. As mãos moldam o barro, agulhas transpassam tecidos e couro, linhas que se entrelaçam em desenhos coloridos e folhetos que contam

FOTOS TIAGO NOZI



os amores e tragédias de nosso sertão em versos bem rimados. A luz das velas iluminam as cabeças abençoadas, ao toque do repique dos sinos e enquanto orações invocam a ancestralidade de nossos povos mestiços em profunda devoção.

Assim nos encontramos no Limoeiro do Norte. De cá, sabedorias e fazeres se espalharam: indo de Alto Santo à Morada Nova, de Quixeré a Russas, corre no vizinho Tabuleiro do Norte. As terras do Vale do Jaguaribe ganham danças, cantos e músicas junto às novas gentes nas terras vizinhas. As tardes caem envolvidas pelo Vento Aracati, amenizando o calor do sol dos dias, abrindo as noites frescas para as festas, cantorias e brincadeiras.

O povo de Limoeiro se faz público na praça que vira terreiro, e se agrega com os novos e velhos visitantes nesse encontro. Os amores que não tem forma e que se entremeiam nas mentes, enviando sinais de energia nos corpos brincantes - que sorriem alegres, que choram emoções, que bailam encantados -, entre as gentes unidas em noites de lua cheia iluminando o sertão das delicadezas.

E a chuva cai pruma despedida e Mestre Aldenir conduz: "Recosta, recosta Joelho em terra". Assim a gratidão se espalha em homenagens e temos mais uma vez que partir de volta pra casa. "Adeus minhas rosas, adeus meus amores. Até paro ano, se nós vivo for!"

UM OLHAR NA DINÂMICA DOS ENCANTADOS

Lairton Guedes

Especialista em Arte Educação e Cultura Popular

Coordenador do Fórum Cearense de Cultura Popular Tradicional
Conselheiro Municipal da Cultura Popular Tradicional



FOTOS TIAGO NOZI

O XI Encontro Mestres do Mundo vem trazendo vivências e experiências na sua abrangência no compartilhar das formas de saberes dos mestres, toda a sua dedicação e aprendizado é gerida pela sua generosidade e simplicidade.

As aulas espetáculos assim designada teve em sua dinâmica momentos importantes na contribuição da educação do patrimônio, vivenciada por alunos e comunidade local com o objetivo de promover diálogos, trocas, reconhecimentos e singeleza dos mestres participantes, ali possibilitou aprendizado entre nós do olhar, sentir e fazer das diversas manifestações,

É muito gratificante poder participar desse evento na mediação das oficinas e aulas espetáculos. Compartilhar vidas e emoções de maneiras diversas, aprendendo e se desenvolvendo junto desses seres encantados.

Poder se permitir estar junto, numa conversa ao pé de ouvido, ou com um grupo de pessoas interagindo, é o momento onde eles(as) podem se expressar, cada um com sua forma simples de ser, ou até mesmo com sua timidez, mas quando é dado a vez e voz, se prepare para a melhor viagem da sua vida, e se permita aprender sempre com esses TESOUROS VIVOS!



SÓ O AMOR ENGENDRA A MARAVILHA: uma experiência de aprendizado humanista.

Aterlane Martins
Prof. Me. IFCE

Mário Lúcio é destes artistas que detém a maestria de encantar as pessoas, o seu público. Na tarde calorosa - e, calorenta - do dia 02 de dezembro de 2017, em Limoeiro do Norte, durante a programação do XI Encontro Mestres do Mundo, este encantamento se deu em forma da aula espetáculo “Só o amor engendra a maravilha”; cujo título e o seu desenvolvimento nos guiam à reflexão. De fato, uma tarde de reflexões compartilhadas, foi o que propôs e fez Mário Lúcio.

Entre canções, poemas, lembranças narradas, ensinamentos da filosofia budista e uma voz da experiência cabo-verdiana, o encontro se deu com um público atento e encantado. Distintas pessoas, de gêneros, gerações e proveniências diversas, ali se assentaram durante algumas horas compondo com o mestre um círculo de harmonia vital.

Mário, entre os sons e os silêncios, falou de um sentido para a vida por meio da busca pela maravilha; maravilha que é “o extraordinário de si” - que tantas vezes, equivocadamente, se busca nas coisas

exteriores a si, quando estão e são tão somente o que somos, ou pode(r)íamos ser.

Ensinou-nos o artista que nessa busca, continua e continuada, ao longo da vida, na qual se persegue compreender “o propósito” de si, o amor, em suas mais distintas manifestações, deve ser o guia. Deve ser a matéria que engendra, ou seja, que “dá origem” e compõe o nosso propósito.

O amor, sentimento magno da existência humana, é para além da sua imaterialidade uma experiência a ser vivida dia a dia num continuum que suspende as



**NÃO É FELIZ QUEM
QUER, MAS QUEM
SABE SÊ-LO**

Mário Lúcio

FOTOS LILIANE



certezas, mesmo aquelas mais precisas. É nesse ritmo constante e mutante que o amor vivido pode encontrar ao longo do percurso os seus avessos. Do aprendizado constante que o trilhar da vida permite, a luta e as vitórias, entre as batalhas perdidas, são o lastro para que se cumpra a experiência do amar, do sofrer, compreender, superar - e, mais amar.

Findadas suas reflexões, Mário ouve atentamente aqueles que, reconhecendo a graça do momento,

agradecem e expressam outros interesses em mais conhecer e aprender do seu pensamento. Segue o encontro, seguem as trocas e as partilhas recíprocas.

Como escrevera Mário Lúcio referindo-se a dupla missão de quem faz arte, que é “a de ser feliz e de fazer os outros felizes”, neste momento ímpar de convívio com o artista, assim o diálogo se fez, o propósito se cumpriu e o amor se realizou em maravilha a todas e todos os presentes.

SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR DE PATRIMÔNIO IMATERIAL: NOVOS RUMOS, NOVAS INSPIRAÇÕES

Adson Rodrigo Silva Pinheiro

Mestre em História Social – UFC
Coordenador de Ações Formativas
Mestres do Mundo

Avaliar, refletir, compartilhar, aplicar conhecimentos, renovar ideias para a valorização dos bens imateriais do Ceará. Assim caminhou o debate promovido durante o Seminário Interdisciplinar de Patrimônio Imaterial, com o tema ALÉM DA CARTA DE FORTALEZA - UMA TRAJETÓRIA DE DESAFIOS AVANÇOS, REAFIRMAÇÕES E NOVAS PROPOSIÇÕES PARA O PATRIMÔNIO IMATERIAL CEARENSE, a ação de forma sistemática e sincrética, expôs o contexto da Carta de Fortaleza (1997) realizado pela Secretaria da Cultura do Estado do Ceará (Secult CE) na programação do XI Encontro Mestres do Mundo. Era dia 30 de novembro de 2017, quando a Secult CE, a Secretaria da Cultura de Fortaleza (Secultfor) e o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) se reuniram no auditório da Fafidam em Limoeiro do Norte para trocar experiências e anseios sobre políticas públicas para a salvaguarda dos bens culturais de diversas naturezas e origens que compõem o mosaico cultural do nosso Estado. Esta ação sistemática e sincrética, expôs o contexto da Carta de Fortaleza (1997) e o que dela decorreu

até a formulação da II CARTA DE FORTALEZA (2017) mirando suas proposições ao futuro do patrimônio cultural e registrando reflexões necessárias.

Durante toda a tarde, os pensamentos volteavam e seguiam uma discussão que tateava refletir e compreender para além dos limites das políticas governamentais que restringem o patrimônio imaterial em um título de patrimônio imaterial. O maior desafio proposto nesse encontro foi o de refletir sobre questões que tocam a promoção, salvaguarda e sustentabilidade das expressões na contemporaneidade. Como reconhecer os grupos e seus territórios, respeitando os conhecimentos tradicionais no cenário dinâmico dos processos culturais, dos valores que se reconstruem diariamente?

Investir em pesquisas, fortalecer a difusão de atividades de circulação, realizar ações de difusão dos diferentes grupos e disseminação de seus saberes através de atividades educativas em seus territórios e nos ambientes formais de educação, estabelecer novas ferramentas e novas metodologias para o reconhecimento das culturas tradicionais e populares, mobilizar melhor dos grupos para suas organizações para que eles tenham sempre voz e

participem dos debates públicos fazem parte dos anseios da carta que se refere o evento .

A interlocução com a sociedade civil tem que ser uma constante essa foi a mensagem e o comprometimento. Um diálogo que começou e não terminou. Uma ambição que deve permanecer para além das fronteiras do evento e que possa ser um processo participativo, dinâmico, colaborativo e flexível a fim de que os processos de registro e salvaguarda dos bens culturais consigam ganhar maior efetividade. É o desejo de todos que participaram do evento. É o anseio de quem é, e de quem faz parte direta ou indiretamente da cultura tradicional do nosso Estado: o reconhecimento a diversidade e a multiplicidade do saber e dos fazeres do nosso povo cearense. Sigamos confiantes, e que no próximo encontro já consigamos colher alguns resultados, já das reflexões e discursões observadas na Carta Patrimonial do Ceará, cujo documento segue.

CARTA PATRIMONIAL DO CEARÁ

Durante o XI Encontro Mestres do Mundo, a Secretaria da Cultura do Estado do Ceará - SECULT, com a parceria da Comissão Cearense de Folclore, do Fórum Cearense de Cultura Popular e do Instituto do Patrimônio Histórico e Cultural, promoveu em Limoeiro do Norte, no dia 30 de novembro de 2017, o Seminário Interdisciplinar de Patrimônio Imaterial. O objetivo do Seminário foi avaliar os resultados da aplicação da política estadual de registros de bens culturais de natureza imaterial que constituem o patrimônio cultural do Ceará e da política de registro dos Tesouros Vivos da Cultura do Ceará, e recolher subsídios para a elaboração

de diretrizes visando a identificação, a documentação, a preservação, a proteção, a promoção, a valorização, a transmissão e a revitalização dos bens culturais de natureza imaterial portadores de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade cearense.

Conforme o entendimento da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO e do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, o patrimônio imaterial compreende os modos de fazer, os ofícios, os saberes, as celebrações, as técnicas e as expressões artísticas e lúdicas que funcionam como referências à memória e às identidades dos grupos sociais que os praticam, juntamente com os objetos, instrumentos, artefatos e lugares culturais que lhe são associados. O patrimônio imaterial é transmitido entre as gerações, oferecendo suporte ao sentimento de continuidade e identificação com um grupo e/ou uma localidade.

O universo das manifestações populares tradicionais e folclóricas, que se procura conservar e valorizar em respeito às gerações passadas, está inserido nessa noção de patrimônio imaterial. Como elementos deste, podemos citar os folguedos, as expressões artísticas, as danças e festejos populares, os costumes e a culinária tradicionais, as práticas artesanais, as lendas, a literatura popular, as línguas faladas pelos diferentes grupos formadores, os lugares de referência cultural, dentre outras. Os mestres da cultura e os guardiões das memórias apresentam-se como detentores dos saberes e fazeres tradicionais, e são mantenedores das memórias e identidades relativas à nossa diversidade cultural.

A partir do Decreto Presidencial Nº 3.551, promulgado em 04 de agosto de 2000, que regulamen-



tou a Constituição Federal de 1988, instituindo o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial e criando o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI), e da Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Imaterial, da UNESCO, de 17 de outubro de 2003, o Estado do Ceará buscou estabelecer um marco legal para regulamentar as políticas públicas destinadas ao registro das expressões populares tradicionais e de seus detentores que compõem o patrimônio cultural imaterial cearense. Através da Lei Estadual 13.427, de 30 de dezembro de 2003, foram instituídas, no âmbito da administração públi-

ca estadual, as formas de Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial ou Intangível que constituem o Patrimônio Cultural do Estado. Através da Lei Estadual 13.351, de 22 de agosto 2003, foi instituído também o Registro dos Mestres da Cultura Tradicional Popular, que definiu como Mestre da Cultura “[...] a pessoa natural que tenha os conhecimentos ou as técnicas necessárias para a produção e preservação da cultura tradicional popular de uma

comunidade estabelecida no Estado do Ceará.” Posteriormente, em 27 de novembro de 2006, foi constituída a Lei Estadual 13.842, que instituiu o Re-

gistro dos Tesouros Vivos da Cultura, ampliando o reconhecimento para os grupos e as coletividades. Em 20 de junho de 2017, a Lei Estadual 16.275 alterou o art.14, inciso II, alínea “A”, da Lei Nº13.842, ampliando para 80 (oitenta) registros o teto máximo de pessoas naturais, Mestres e Mestras da Cultura.

O Encontro Mestres do Mundo é um evento estruturante da SECULT realizado, desde 2005, como uma importante iniciativa de interiorização da cultura. A cada edição, o Encontro reúne os Mestres da Cultura, titulados como Tesouros Vivos da Cultura do Ceará, em diálogo com brincantes, estudantes, professores, pesquisadores e mestres de outros estados e países, com uma programação voltada ao encontro e troca de saberes. Merecem destaque dentro da trajetória do evento ações como o Concurso de Educação Patrimonial Mestres da Cultura, realizado em 2008, que premiou os melhores projetos pedagógicos de Educação Patrimonial de escolas públicas de Ensino Fundamental II e Ensino Médio, localizadas na Região do Cariri. No ano de 2016, acontecimento de grande relevância para a cultura popular tradicional foi a titulação, no X Encontro Mestres do Mundo, de 58 (cinquenta e oito) Mestres da Cultura como Notório Saber em Cultura Popular, pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Além disso, nos Encontros, os mestres, grupos e coletividade titulados como Tesouros Vivos da Cultura nos editais anteriores são diplomados em cerimônia pública de reconhecimento de seus trabalhos. Em 2017, o Encontro Mestres do Mundo foi reconhecido pela 30ª Edição do Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, do IPHAN, como vencedor na categoria de iniciativas de excelência em promoção do patrimônio cultural.

A Secretaria da Cultura, com os objetivos de con-

tribuir para a ampliação e o fortalecimento das políticas de patrimônio imaterial no Estado do Ceará; reconhecer, valorizar e promover os saberes e fazeres tradicionais da cultura cearense; e incentivar e difundir os processos da produção, difusão, formação e fruição das manifestações populares tradicionais, tem selecionado e apoiado por meio de editais públicos de apoio à realização de iniciativas destinadas à promoção, preservação e difusão das tradições regionais cearenses dos ciclos carnavalescos, pascal, junino e natalino. Além disso, desde 2016, aos demais editais da SECULT tem se acrescentado o eixo de memória cultural, contemplando projetos de pesquisa, inventário, salvaguarda de documentos, acervos e arquivos, publicações, exposição, seminário ou outras atividades que tenham por finalidade a promoção da memória e da história cultural.

A Lei Estadual Nº 16.026, de 01 de junho de 2016, instituiu o Plano Estadual de Cultura do Ceará, tendo entre seus princípios a diversidade cultural, o respeito aos direitos humanos, o direito à memória e às tradições, a valorização da cultura e de seus agentes e profissionais, como vetor do desenvolvimento sustentável, e o Estado Laico. Alguns de seus objetivos são garantir a diversidade étnica, artística e cultural do Estado, com base no pluralismo, nas vocações e no potencial de cada região; reconhecer e valorizar o patrimônio cultural do Estado, englobando os bens materiais, imateriais e os naturais; garantir o direito à memória e ao conhecimento do passado, com vistas ao exercício da cidadania; garantir a inclusão de manifestações culturais do Estado nos espaços de educação formal e informal, em consonância com as diretrizes do Plano Estadual de Educação e a Liberdade de Expressão; e incentivar a participação po-

pular nos processos de reconhecimento do patrimônio cultural cearense. O Plano tem entre suas metas criar e implementar um Sistema

Estadual de Patrimônio Cultural, visando atingir pelo menos 50% (cinquenta por cento) dos municípios cearenses, no primeiro quadriênio (2015 a 2018), avançando para a totalidade destes até o final da vigência do Plano e reformular a Lei dos Mestres de Cultura, aumentando em um terço o número de contemplados, atingindo 80 (oitenta) mestres até 2018, e promovendo interação, com maior periodicidade, entre os mestres diplomados e as escolas e espaços informais de educação.

Com o objetivo de dialogar e construir políticas públicas a partir das demandas oriundas das diversas manifestações artístico-culturais de matrizes indígenas, africanas e afrodescendentes presentes no estado e acompanhar a sua efetivação, a SECULT criou, em novembro de 2016, o Grupo de Trabalho Povos Indígenas e, em março de 2017, o Grupo de Trabalho de Expressões Culturais Afro-brasileiras. Em 30 de agosto de 2017, a Secretaria da Cultura estabeleceu o Comitê Gestor de Políticas Culturais Indígenas no Ceará, instância consultiva e deliberativa de planejamento, articulação, gestão compartilhada, controle social e de assessoramento ao Conselho Estadual de Políticas Culturais do Ceará que atuará na análise das proposições, discussões e deliberações da organização, execução e avaliação das políticas culturais indígenas no Estado do Ceará. A partir das discussões no GT de Expressões Culturais Afro-brasileiras, à semelhança do referido Comitê, está sendo criado um específico para as expressões africanas e afrodescendentes presentes no Estado do Ceará.

DESAFIOS

Decorridos 14 (quatorze) anos desde que foi instituído o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem o patrimônio cultural do Ceará, não obstante essas realizações e os esforços realizados pela SECULT, o desenvolvimento das políticas de registro e de salvaguarda de bens culturais tem enfrentado desafios:

1. A crescente demanda pelo reconhecimento e preservação do diversificado patrimônio cultural cearense e pela valorização dos povos e comunidades tradicionais;
2. A necessidade de maior articulação entre a políticas de Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial e a de Registro dos Tesouros Vivos da Cultura;
3. A inexistência de representantes de entidades ou de comunidades de detentores ligadas às expressões populares tradicionais no Conselho Estadual de Preservação do Patrimônio Cultural (COEPA) e de atribuições no regimento interno do conselho referentes às políticas voltadas ao patrimônio imaterial;
4. As limitações da estrutura institucional, recursos financeiros e humanos;
5. As mudanças na gestão pública que ameaçam a estruturação das políticas patrimoniais desenvolvidas pela Secretaria da Cultura;
6. A necessidade de articulações profundas entre as secretarias da Cultura, da Educação (SEDUC), do Meio Ambiente (SEMA), de Turismo (SETUR), de Trabalho e Desenvolvimento Social (STDS), a Coordenadoria Especial de Políticas Públicas dos Direitos Humanos (COPPDH) e a Coordenadoria Especial de Políticas Públicas para a Promoção da



Igualdade Racial (CEPPIR), de forma a garantir a regulamentação de atuações no âmbito da proteção dos territórios e conhecimentos tradicionais;

7. A inexistência no âmbito estadual de um instituto ou fundação, com recursos próprios, com o objetivo de desenvolver ações relativas à identificação, documentação, proteção, restauração, manutenção, promoção, a valorização, a transmissão e a revitalização do conjunto de bens materiais, imateriais e naturais;

8. A inexistência no âmbito estadual de um instrumento metodológico com critérios técnico-científicos adequados ao Registro dos Bens Culturais de Natureza Imaterial do Ceará.

PRINCÍPIOS

Diante da multiplicidade de contextos socioculturais existentes nos 184 (cento e oitenta e quatro) municípios

que compõem o Ceará, nos quais se inserem as expressões populares tradicionais e seus detentores, e da relevância de assegurar os direitos previstos nos artigos 215 e 216 da Constituição Federal, quanto ao respeito e à promoção da diversidade cultural brasileira, o plenário do Seminário Interdisciplinar de Patrimônio Imaterial considera como fundamentais para a ação institucional e da sociedade a observância dos seguintes princípios:

1. Os direitos humanos devem orientar todas as ações nesta área, especialmente no que concerne à diversidade cultural, étnica, racial, religiosa, sexual e de gênero.
2. O patrimônio cultural é composto pelas suas dimensões imateriais e materiais, devendo-se fomentar programas, projetos e ações integradas, pensando as cidades como territórios vivos;



gistro e salvaguarda dos bens culturais de natureza imaterial devem envolver de forma permanente a mobilização dos detentores como parte ativa de todo o processo;

6. A política dos Tesouros Vivos da Cultura integra a política de Registros de Bens Culturais de Natureza Imaterial do Estado, devendo essas serem pensadas de forma integrada;

7. A avaliação, o acompanhamento e o planejamento dos Editais dos ciclos das culturas populares têm um papel fundamental na sustentabilidade, no diagnóstico e na cartografia das expressões tradicionais que constituem o patrimônio cultural cearense;

8. A construção coletiva e dialógica de um Programa de Educação Patrimonial é fundamental para o reconhecimento, a valorização e a preservação do patrimônio cultural cearense;

9. A fim de se ter eficácia no planejamento de políticas de salvaguarda de um bem cultural, não basta ter ciência da sua existência e anunciar a sua relevância. Por si só, a inscrição em um Livro de Registro e a titulação de “Patrimônio Cultural do Ceará” não tem efeito se não vier acompanhada da constituição de um inventário que possibilite a compreensão e o planejamento de políticas públicas. O Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial deve obedecer a critérios e processos técnicos e científicos, envolvendo a elaboração de dossiês de inventário, com um rigoroso levantamento descritivo e documental, identificando os significados e valores que são imputados, o que servirá de subsídio para o planejamento de políticas públicas, para a mobilização dos grupos envolvidos e, quando for o caso, para a fundamentação do processo de registro.

3. As matrizes culturais indígena e africana são marcantes na cultura popular tradicional cearense, sendo fundamental conhecer, reconhecer, preservar, promover e revitalizar seus fazeres, saberes, usos, costumes e territórios, de forma a promover o respeito e a valorização da diversidade cultural;

4. Os museus e processos museológicos são iniciativas e instituições de relevante importância na valorização da diversidade cultural e no direito à pluralidade de memórias no Ceará;

5. As políticas de registro de bens culturais devem pensar as práticas sociais de identidade e memória, tendo em vista o protagonismo dos sujeitos detentores das expressões tradicionais. As ações de re-



DIRETRIZES

O plenário propõe ainda as seguintes diretrizes para a implementação da política de registro e salvaguarda dos bens culturais no âmbito do Estado do Ceará:

1. Atuação na defesa do princípio da diversidade cultural e no fortalecimento das expressões culturais dos povos e comunidades tradicionais, atuando para combater ações de violência física e simbólica que ameacem as práticas dessas expressões e os direitos difusos ou de propriedade intelectual;

2. Aprofundamento do apoio a produção de pesquisas e inventários relativos aos bens culturais de na-

tureza imaterial no âmbito estadual e aos Tesouros Vivos da Cultura;

3. Aprimoramento de ações que abordem de forma integrada as dimensões imaterial e material do patrimônio cultural;

4. Fortalecimento da Coordenadoria de Patrimônio Histórico e Cultural (COPAHC) e de instituições públicas de preservação do patrimônio cultural no âmbito estadual e municipal, com aumento de recursos financeiros e humanos, para a melhoria dos processos que compõem as políticas de registro e salvaguarda do patrimônio cultural imaterial cearense;

5. Criação de um Conselho de Mestres da Cultura com funções consultivas, deliberativas e assessoria-

ALEGORIAS DO CORPO

Damião Lopes de Sousa

Arquiteto, Mestrando em artes IFCE

Há tempos atrás fui convidado por uma professora do colégio Juvenal de Carvalho para desenhar um painel nas paredes do auditório e salão de dança daquela instituição de ensino. Eu ainda não sabia quais eram os desenhos ou imagens a serem ilustradas, até que a professora me apresentou um livro que continha uma série de fotografias de um corpo feminino executando várias posições correspondentes a dança do balé clássico. Até aí tudo bem, eu tinha apenas de reproduzir as fotos, desenhando-as diretamente na parede. Porém a freira queria que eu desenhasse apenas as siluetas das figuras, ou seja, elaborasse todo o contorno com bastante cuidado para mostrar os diversos movimentos da personagem e pintasse toda a figura de preto, como se fossem sombras. Passei a desenhar as figuras, quando concluí o trabalho tínhamos um painel gigantesco ocupando quase toda a lateral do auditório e salão de dança. Apresentando um desenho sequenciado com várias figuras negras representando os passos e movimentos da bailarina. Quando observei aquelas sombras aparentemente estáticas, mas em movimento, percebi que as figuras falavam por si só. E as alunas automaticamente tentavam imitar os movimentos daquelas figuras. Concluí que embora fossem apenas figuras, mas como representavam o corpo humano, o corpo de uma mulher, transmitia uma energia singular para quem observava.

Aquelas figuras, embora sem rosto, sem vesti-

mentas, sem cor, representavam o corpo de pessoas em movimentos distintos, onde cada posição, dos braços, pernas, cabeça, pescoço, mãos, tornozelos, pés, indicava uma ação do balé clássico, mas também representa um contágio energético, uma poética, uma emoção que a própria arte da dança é capaz de transmitir.

Ao observar as danças, a musicalidade e os diversos movimentos representados no evento do encontro dos mestres da cultura, eu senti a mesma energia e espontaneidade das figuras dançantes da sala de dança do colégio. Isto estava presente nas cenas de danças representadas, através da voz, dos sons dos instrumentos e dos movimentos dos seres brincantes. Alguns grupos brincavam o festejo, a comemoração, outros brincavam a luta, o protesto, enquanto que outros “brincavam” o choro, a saudade e a exaltação da fé.

Algumas rodas de dança tipo Maneiro Pau, Dança do Coco, Reisado, Bandas Cabaçais, Candombe, Moçambique dos Arturos, apresentavam-se com os membros do grupo exercendo cada um uma função de dança e cantoria, mas dentre eles se destacava um personagem que era responsável pelo canto inicial, pela apresentação do grupo e pelo pedido de licença e permissão para adentrar no terreiro.

Ao longo da execução da cantoria por parte do

FOTOS TIAGO NOZI



grupo esta pessoa saia no meio da roda para mostrar suas habilidades de dança, de sapateado, de domínio do instrumento musical, com os equipamentos ou com pseudos armamentos e animais em movimento. Acredito que, como ocorre no candomblé ketu, este personagem do grupo é o próprio corpo - templo, que representa a entidade, força do movimento cultural, da dança e da santidade.

Os outros membros representam o corpo - cerna (OLIVEIRA, 2015.2), que em dado momento tem a oportunidade de receber também a entidade, que para isto, também entra no meio da roda e passa a dançar, sapatear ou mostrar suas habilidades com os instrumentos musicais e outros equipamentos, como se estivesse sendo possuído pela entidade e se transformando no corpo encostado (CARVALHO, 2015.2). Cantar, dançar, entrar no ritmo é como ouvir os batimentos do próprio coração.

Há, porém grupos culturais que se apresentam não para cantar mas para rezar cantando, para chorar as mágoas num canto agudo e envolvente como se evocassem os espíritos e a Deus. Estes grupos são os Pastoris, como o de Nossa Senhora de Fátima, de Maracanaú. Que mesmo sem dança e sem movimento e instrumentos musicais, eles ecoam, na forma de capela, um canto oratório que envolve emocionalmente todos os espectadores, muitas vezes na tentativa de homenagear o irmão que partiu para o oriente eterno.

O mais importante de toda dança apresentada por estes grupos, é o respeito, o compartilhamento e a vontade imensa de passar para a plateia, seus valores culturais, sua história, sua vocação e sua poética.

Independentemente destes eventos culturais, estes povos se apresentam sempre em seus locais

de origens, seja nos quintais, na rua, na praça, ou mesmo na igreja, e sempre são prestigiados pela comunidade. São nos povoados mais longínquos e marginalizados que encontram-se esses tesouros culturais onde a sociedade burguesa, colonialista, dominante e capitalista de consumo, tenta apagar da memória nacional. Nestes povoados está localizada a maioria dos grandes mestres do conhecimento artístico oral do país. Pessoas que de pai para filho, de neto para bisneto, repassam os valores culturais que preservam na memória.



Para dar visibilidade a diversidade cultural no nosso país, é preciso dar voz e vez aos mestres dos conhecimentos tradicionais e dividir com ele a concepção e a construção do próprio cenário.



À esquerda, Mestre Francisco Oliveira (Françu). Artesão dos Frandres. Em seguida, Mestra Dona Branca. Louceira de Cascavel.

Para isto o povo e as instituições públicas, devem em conjunto criar e manter políticas públicas para o desenvolvimento destes grupos artísticos - culturais, com o objetivo de reconhecer e valorizar saberes musicais, performáticos, técnicos e artesanais, saberes linguísticos, saberes sobre a flora e saberes de saúde.

Mestres e pessoas se utilizam da magia do corpo para servir como elemento sem fronteira para conquistar o amor, a esperança, a fé, a alegria que estão representadas no sapatear dos mestres da dança, nas mãos das rendeiras do Trairí, das louceiras de Cascavel, no gingado e harmonia dos brincantes dos reisados, maneiro pau, do coco, no tocar da rabeca, dos pífaros da banda cabaçal e dos tambores dos Asturos e Candombes e no cantar espiritual de uma entidade mulher chamada de Lia da Ilha de Tamaracá.



Mestre Bibi Escultor. Canindé Ce. Mestra Dona Maria Queiroz. Cascavel Secretário de Governo Fabiano Piuba.



Mestre Pedro do Cipó e Mestra Raimundinha Rendeira do Trairí.



Esquema gráfico desenhado pela mestra Raimundinha do Trairí; Louças de cascavel mestra Dona Maria.

EXPERIÊNCIAS ENRIQUECEDORAS DE SABERES, ANCESTRALIDADES E FLUIÇÃO CULTURAL

Sandra Regina Paula de Souza
Mestranda PPGArtes IFCE campus Fortaleza



PARTICIPAR DESSE ENCONTRO FOI ENTRAR EM UM MUNDO MÁGICO DE FORÇA IMATERIAL PRESENTE NA SABEDORIA POPULAR E CULTURAL DE VÁRIAS ETNIAS, COM PESSOAS QUE EMANAVAM SABEDORIAS DE VIDA, DE CULTURA DE SIMPLICIDADE E AMOR COM O OUTRO.

Este é um relato das experiências vividas no XI Encontro de Mestres do Mundo (Saberes Multiculturais em Encontro de Delicadezas), como aluna do Curso de Mestrado Profissional em Artes do IFCE, com os tesouros vivos do Ceará, mestres que compartilharam conosco suas experiências, brincadeiras, rezas, danças e artesanatos herdados de seus ancestrais.

Participar desse encontro foi entrar em um mundo mágico de força imaterial presente na sabedoria popular e cultural de várias etnias, com pessoas que emanavam sabedorias de vida, de cultura de simplicidade e amor com o outro. Viajei por três dias nesse universo esplendido de saberes multiculturais, me permitindo fluir em cada encontro vivido com os mestres, embarcando na espontaneidade, nas singelezas e no espírito de colaboração que estava presente em todos os lugares.

O encontro em vários cantos e recantos do grande espaço compreendido como “Território de delicadezas” promoveu apresentações artísticas noturnas com os grupos e mestres do Ceará, do Maranhão, de Alagoas, de Minas Gerais, de Pernambuco e de Cabo Verde Uru-guai e também o “Espaço dos Encantados”, uma homenagem aos Mestres que já partiram. Durante o dia

aconteceram oficinas compartilhando o saber desses “encantados” em aulas espetáculos, oficinas itinerantes com pessoas, brincantes e/ou grupos que pudessem compartilhar o saber. Também tivemos na Roda de trocas os tesouros vivos (mestres) nas quais foi partilhado saberes entre si e com a comunidade.

Tive o privilégio de participar de algumas oficinas nessas Rodas de trocas, que foram divididas em sagrado, corpo, mãos, oralidade e sons, tudo acontecendo simultaneamente. Participando destes espaços fui vendo e me encontrando com diversas matrizes que promoveram uma ampla possibilidade criativa no meu universo como artista visual. Visitei

o espaço do sagrado com um lindo altar para oferendas aos Santos e o canto do Bendito com a Mestra Maria do Horto. Particpei da roda no espaço Corpo onde me emocionei com o mestre João em memória do Boi Ideal de Sobral do Mestre Panteca e suas histórias de vida. No espaço das Mãos tive a oportunidade de ouvir as histórias de infância de Dona Branca com suas cerâmicas e interagir modelando algumas peças na argila. Nesse espaço se encontrava vários outros Mestres e Mestras como Pedro Balaieiro - cipó, D. Branca - Cerâmica, Ma. Edite - Rede Travessa, M. Lúcia - rendeira, Fca. Pires - Rendeira, M. Quirino - Cerâmica, Lúcia Pequeno - cerâmica, M. Exedito - couro, com suas histórias de vidas nos proporcionando momentos sublimes compartilhando conosco suas práticas e formas construídas no fazer artístico repassadas em várias gerações. Foi/é importante a constatação de que esses saberes não estão estagnados mas em constante movimento, se reinventando através da influência da mídia ou através de projetos sociais do Governo do Estado do Ceará que lhes possibilitam a comercialização de seus produtos.

No espaço do Sons tivemos Dina Vaqueira - Aboios D. Zilda - Dramas Ant. Trajano/Hortêncio - Rabeca Ana M. Conceição-Drama Antonio Lucas/M. Totonho-Rabecas Chico Paes - Sanfona de oito baixos Maria do Horto - Canções Lucas Evangelista - Viola - Mestre Viola de Cocho com os mestres José Abreu - e na Oralidade Palhaço Pimenta Pedro Coelho - Vaqueiro Gilb. Ferreira - Teatro Bonecos Luciano Carneiro - Cordel Mestre Diniz - Xilógravo/cordel. Foi também muito importante a presença da Praia do canto verde com suas cirandas, suas histórias e resistência. Todos nos tocaram de alguma forma espiritual, cultural em



FOTO TIAGO NOZI

que a emoção e a troca de saberes foram essenciais para uma reflexão sobre nosso patrimônio.

Outro momento marcante para entendermos todo esse universo foi o Seminário Interdisciplinar de Patrimônio Imaterial, com o tema “Além da Carta de Fortaleza - uma trajetória de desafios avanços, reafirmações e novas proposições para o patrimônio imaterial cearense”. Nesse seminário tivemos a oportunidade de conhecer mais sobre o Patrimônio Imaterial do Ceará e que ações estão sendo feitas para preservação, salvaguarda e as políticas públicas de registro do patrimônio Imaterial e direitos culturais. Também ouvimos as reivindicações das comunidades para preservação do apoio financeiro quando um dos mestres morre sendo isso considerado essencial para a continuidade e preservação do grupo.

Vivenciar esses momentos indescritíveis, compartilhar tantas emoções e estreitar os laços de amizade e solidariedade foi consolidado no encontro que tivemos com o cantor e poeta Mário Lúcio (Cabo Verde), que falou sobre a estética das coisas simples, da gratidão, em que “a sociedade é a esquina, a vida é o cosmo”, a bela mensagem de amor que sobrepõe todas as formas para melhorar a humanidade.

MEU ENCONTRO COM OS MESTRES DO MUNDO

Renata Santiago

Mestranda Artes – IFCE campus Fortaleza
Professora da UNIFOR

Foi um poço de singeleza. Mais uma vez as pesquisas, os meus trabalhos, os meus amores e atividades que me levam ao sertão. Começo este depoimento com um recorte dos momentos finais das minhas experiências, o momento “aula-espetáculo” com Mário Lúcio: ele nos falou sobre como o simples é a depuração do perfeito. Ele afirmou o tempo inteiro que ali estava para falar sobre isso: amor. Amor este que não tem forma, que não tem imposição, ele simplesmente é, e quando assim o é, ou quando assim nós o encontrarmos, ele será o mais saboroso do mundo (justamente porque ele é o meu).

Amor que primeiro mora e é cuidado em mim, e que desse jardim, brota para o jardim a quem meus sentidos quer saborear. Amor este que fala da complexidade de uma relação, dentro da sua na forma natural de ser. Estou profundamente afetada por este amor, é ele que me motiva a criar, os efeitos que ele gera no corpo, as teias que tece pelo desejo que o tenta governar.

Voltando à fala de Mário Lúcio, poeta cabo-verdiano, me vem à mente o escrito de processo às vésperas de pegar a estrada: “Saber administrar o peso das suas práticas envolve tempo, maturidade e caridade para consigo mesmo. Entender que tudo se conflui, se mesti-

ça e ao mesmo tempo se segrega, não é tarefa das mais simples”. Naquele momento, ele alertou para: disciplina, interesse e método. Tempo, maturidade e caridade.

Somente na experiência durante os dias do Encontro é que se tem dimensão do sentimento que se experimenta, se preparado para encarar sem véu o simples: “onde a brincadeira festiva agradece a Deus e reza pela música por tudo que brota de seu corpo e ensina, por meio oral, como fazer o mesmo e como ser feliz com isso” E não foi exatamente isto que ouvi de Seu Pedro Balaieiro (de Guaramiranga) e de Dona Branca (de Ipú)?

O Encontro Mestres do Mundo é território de resistência nos dias de hoje através da vivência da ancestralidade, da memória afetiva e da luta pela vida que expõe em suas tão variadas mãos, sacralidades, oralidades, sons e corpos. Ou seria melhor falar em re(existência)? Reescrita do viver pelos meandros da arte? Uma potencialização de singularidade e diversidade de expressões, saberes e fazeres que reparamos sutilmente no corpo preparado naturalmente pela lida diárias de todos os Mestres ali reunidos: todos juntos e misturados, em comunhão.

Sem dúvidas a aura era de celebração, igualdade, humildade e respeito. O tempo sendo tecido com espontaneidade, singeleza e expressão genuína da própria vontade, que teimava em tantas vezes em não obedecer imposições pelo gozo de mostrar para o público a sua arte, a sua criação, a sua lenda viva.

Nas rodas de sons e nos espetáculos na praça durante a noite observei o quanto que a música chama o corpo cansado. O que dizer da emoção em ver os Arturos de Minas Gerais carregarem o mundo em suas tornozeiras (paiás) dançantes? Ou da força presente nas Cantigas de Guarda com os canticos de luz?

Já nas rodas das mãos (local mágico que me fisionou), Seu Pedro Balaieiro (de Vila Pernambuco – Guaramiranga), mestre do artesanato de cipó me falou sobre a sua devoção pela matéria-prima pura, produto da terra, da natureza, aquilo que “para isso não existe contestação. Aquilo apenas é”. Já Dona Branca diz que: “se não fosse o meu trabalho, eu não teria sobrevivido. E vou viver de quê? Se não daquilo que nasci para fazer? Todas as minhas irmãs faziam renda, eu decidi fazer coisa diferente”. E fez, com a paciência e a maciez necessárias para esculpir as formas da cerâmica por entre suas mãos que expressavam todos os meandros dos caminhos já percorridos no tempo de vida pelas Ipueiras.



Voltado ao último dia e momento de rodas com Mário Lúcio, ele nos lembra com a sua voz aveludada e grave: “as experiências não nos deixam errar. A minha formação como ser humano passa pelo amor. Eu vim de um local que demorou para ser país, sendo que país é aquele lugar em que criamos regras institucionalizadas para sermos reconhecidos, temidos e respeitados por outros países”. Reforça que a ideia de nação passa por união de seres humanos. Disse: “tudo que nos perturba, nos leva”.

Por fim, penso sobre o problema geral posto na criação: como colocar o outro em experiência da forma

mais pura e sem excessos possível, colocar o outro em experiência, em amor consigo mesmo, reduzir o excesso e aquilo que o perturba, saborear as maçãs das próprias escolhas com leveza: “ato de extrema liberdade para com as pessoas”. O poeta cabo-verdiano também muito nos falou sobre o perdoar: “Aquele que não perdoa, carrega uma dívida que não pode ser paga...”. Entre pagar e perdoar, escolha perdoar. Todo mundo tem dívida enquanto não agradecer.

No final das contas, Mario Lúcio nos falou que amor passa antes de tudo por gratidão, uniu tantas formas e diferenças no mesmo espaço potencializando singularidades e diminuindo diferenças. A estética é o crepúsculo, o gesto de delicadeza, a natureza não tem a obrigação de ser bela. O simples é a depuração o perfeito.

OS MESTRES, AS CRIANÇAS COMO ELEMENTO DE CONTINUIDADE DO SABER ORAL PELA LUDICIDADE E ENCANTO

Lourdes Macena

Dra. em Artes IFCE campus Fortaleza

Circe Macena

Mestranda em Artes IFCE campus Fortaleza

Nas questões relativas a salvaguarda do saber oral as ações que possam envolver as crianças e jovens com práticas, saberes e fazeres sensibilizando para seus sentidos no universo de quem o faz, é para nós algo de extrema importância.

No LPCT - Laboratório de Práticas Culturais Tradicionais do IFCE campus Fortaleza, estamos desde 1982, desenvolvendo ações que possam envolver crianças e jovens por meio de ludicidade, festa e encanto. Aprendemos com as comunidades tradicionais, Mestres e brincantes que a festa, a felicidade e a alegria são motores de resistência para tudo o que o homem simples vem sofrendo. Assim, o boneco, o tambor, o boi, a dança, não traz apenas a gargalhada, mas também o afeto natural para as verdades e demandas que envolvem as comunidades.

Assim aprendemos, assim compartilhamos e vamos como aprendentes/ensinantes repassando por meio muitas vezes do espetáculo, oficinas, rodas, etc., buscando aproximação por meio do corpo, da reza, do rito, das máscaras de tudo o que pode fazer

ponte entre as crianças, os jovens e os Mestres e seus saberes.

Foi pensando nisso que nós do Grupo MIRAIRA do IFCE campus Fortaleza, realizamos em parceria com a produção dos XI Mestres do Mundo a ação “Brincando no Boi: crianças e mestres em roda de afetos”. Levamos vários personagens animais da brincadeira Boi do Ceará como Burrinhas, Jaraguás, Emas, Bois, e brincantes nossos para estimular as crianças a experimentarem entrar na brincadeira. Íamos cantando, explicando, brincando e convidando papais e mães a entrarem na roda com eles também.

Não era uma apresentação. Era uma brincadeira estimulada na qual aqueles que pensavam ser plateia eram os protagonistas. Este tipo de ação necessita estar mais presente em eventos e ações de salvaguarda contínua. É necessário compreender que a melhor forma de salvaguarda do Patrimônio Imaterial é pelo corpo, pelo sentir, pelo experimentar, aprender o fazer para dar continuidade pelo uso no canto, na dança, na reza, na comida, na ação.

O registro somente pela ação descritiva do fazer, no

FOTO TIAGO NOZI



caso do patrimônio imaterial não irá gerar salvaguarda pois patrimônio imaterial depende de movimento de estar circulando de forma viva daí porque foi tão importante a ação do Miraira do IFCE no evento de Limoeiro do Norte em 2018.

É importante destacar que o grupo Miraira do IFCE, como elemento de difusão do que se estuda no LPCT - Laboratório de Práticas Culturais Tradicionais tem estado presente em todos os dez anos anteriores no evento Mestres do Mundo, no entanto, somente este ano recebeu convite para atuar em ação junto as crianças. Nos anos anteriores o grupo veio para estudar se deslocando de Fortaleza em ônibus da IES com outros estudantes para aprenderem, viverem e compreenderem a lógica que move estas vidas e o universo complexo destas comunidades que muitas vezes a mídia não mostra.

Muito importante agradecer a colaboração do even-

to Mestres do Mundo da SECULT/CE, de quem o produz, vem poduzindo nestes anos todos, por ajudar com o que é possível a cada ano com a nossa vinda, nós que temos estudos relacionados a cultura tradicional popular no IFCE desde década de 80 do século passado, não apenas o Miraira mas também as disciplinas de cultura popular dos demais cursos.

Foi contagiante a ação “Brincando no Boi: crianças e mestres em roda de afetos”. Esperamos que os pais e familiares ali envolvidos possam ter percebido a motivação que impulsiona homens e mulheres simples do nosso povo para expressarem alegria infinita em manifestações populares dançadas, cantadas e/ou rituais e na forma de como estas minimizam o sofrimento cotidiano dos homens e mulheres que cotidianamente criam e mantêm brincadeiras como aquela.

Ali na roda com os bichos, animais feitos de caixas de papelão e tecidos coloridos estavam a memória afetiva, tradição, corporeidade e a caracterização física de tudo o que com eles os Mestres e Mestras vamos aprendendo. A performance cênica e construção do personagem de cada criança foi comandada pela improvisação e pela comicidade de acordo com o dom brincante de cada um. Poder brincar com os bichos, dar vida ao Jaraguá, a burrinha, a ema, ao Boi e ainda poder se divertir sendo Mateus garantiu a alegria no início da última noite do XI Encontro mestres do Mundo.

Esperamos que as escolas tenham visto e que possam se entusiasmar a manter brincadeiras com esta no cotidiano do espaço educativo, pois bem o sabemos que só incorporamos saberes pela prática diária e contínua e ações de educação patrimonial necessitam ser constantes para se inserirem com naturalidade na vida de cada um e garantir a prática do saber.



ORAÇÃO AOS ENCANTADOS

Lourdes Macena,
Limoeiro do Norte 02/12/2017
XI Edição Mestres do Mundo

Oh grande força do amor espalhada sobre a face da terra e que reúne os homens e mulheres do bem, pelo bem para todo o sempre amém!

Estamos aqui,
Nós devotos cantantes,
Devotos dançantes,
Devotos dos fazeres do barro, do couro, da palha, dos cipós, da renda, da xilogravura,
Das falas, das lendas, das rimas, dos cantos das incelências, da rabeça, do sino e da sanfona, da zabumba e do triângulo.
Nós invocamos todos os seres cósmicos e a força dos nossos ancestrais que protegem a vida.

Vem, curai-nos todos os santos, todos os credos e todas as entidades que estão nos rios, nas cachoeiras, nas profundezas do mar, no vento, na floresta e na força que brota da terra mãe!

Curai-nos ó lua que brilha no céu, protegei-nos!

A vós anjos, santos e entidades do bem entregamos estas ofertas como prova do nosso amor e bondade, e agradecemos por tudo que vivemos, aprendemos e vamos levando daqui.

Amém, axé!

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Rylvia. Salva-guarda de bens registra-dos: patrimônio cultural do Brasil: apoio e fomento / coordenação e organização Rívia Ryker Bandeira de Alencar. - Brasília: IPHAN, 2017.

BARROSO, Oswald. Incorporação e memória na performance do ator brincante. In: TEIXEIRA, João Gabriel L. C.; Carvalho, Marcus Vinicius C.; Gusmão, Rita (Orgs.). Patrimônio imaterial, performance cul-tural e (re)tradicionalização. Brasília, ICS-UnB, 2004.

BRAYNER, Guerra. Patrimônio Cultural Imaterial: para saber mais. IPHAN. 3ª.ed. Brasília, DF: Iphan, 2012.

HORTA, M. de L. Parreiras; GRUNBERG, E.; MON-TEIRO, A. Queiroz. Guia Básico de Educação Patrimo-nial. Brasília: IPHAN, Museu Imperial, 1999.

TRAVASSOS, Elizabeth. Recriações contemporâneas dos folguedos tradicionais: a performance como modo de conhecimento da cultura popular. In: TEI-XEIRA, J. Gabriel; GARCIA, M. Vinícios; GUSMÃO, Rita, ET AL (org.). Patrimônio Imaterial, performance cul-tural e (re)tradicionalização. Brasília: ICS-UnB, 2004.

SANT'ANNA, Márcia. "Políticas públicas e salva-guarda do patrimônio cultural imaterial". In.: _Regis-tro e políticas de salvaguarda para as culturas popu-lares. Org. Falcão, A., Série Encontros e estudos, n.6. Rio de Janeiro:Funarte; CNFCP, 2005.

Oliveira, Maria Ana de. O corpo que dança: pes-quisas em Etnocologia. In: Repertório, Salvador, nº 25, p.41-45, 2015.2

Carvalho, José Jorge de. Conhecimentos Tradicio-nais no Brasil e na América Latina: Uma Agenda de Resistência e Criatividade. In: <http://principo.org/co-nhecimentos-tradicionais-no-brasil-e-na-amrica-la-tina-uma-ag.html>

Carvalho, Ana Cláudia Moraes de. Corpo Encosta-do. In: Repertório, Salvador, nº 25, p.37-40, 2015.2

Santos, Inaicyr Falcão dos. Dança e pluralidade cultural: o corpo e ancestralidade. Revista Múltipla Leituras. V.2 n.1 p. 31 - 38 jan./junh. 2009.

GALERIA DE FOTOS

FOTOS TIAGO NOZI



FOTOS LILIANE



REALIZAÇÃO



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Cultura



RECONHECIMENTO



PRODUÇÃO



APOIO

FÓRUM DE
CULTURA
POPULAR
TRADICIONAL



COMISSÃO CEARENSE
DE FOLCLORE



UECE/FAFIDAM



Fórum de
**LIMOEIRO
DO NORTE**
INOVAÇÃO E TRANSPARÊNCIA